

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## **O Retrato Mediático das Tradições Académicas em Portugal**

Ruben Dias Amaral

Mestrado em Comunicação Cultura e Tecnologias de Informação

Orientadora:

Doutora Rita Maria Espanha Pires Chaves Torrado da Silva, Professora Auxiliar com Agregação, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020



SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

Departamento de Sociologia e Políticas Públicas

## **O Retrato Mediático das Tradições Académicas em Portugal**

Ruben Dias Amaral

Mestrado em Comunicação Cultura e Tecnologias de Informação

Orientadora:

Doutora Rita Maria Espanha Pires Chaves Torrado da Silva, Professora Auxiliar com Agregação, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020

## Dedicatórias e Agradecimentos

Ao ISCTE, por ter sido a minha casa durante cinco anos e de onde recebi o melhor que uma universidade tem para dar e aos meus professores, pela forma como se dedicam a ensinar e cativar os seus alunos, dando-lhes todas as ferramentas e conhecimentos para um futuro bem-sucedido nem que para isso abdicuem de tempo pós-laboral de forma a conseguirem ajudar quem precisa, assim como aos serviços académicos e restantes funcionários pela constante boa disposição e amabilidade com que sempre me trataram, estando sempre dispostos a ajudar com o que fosse necessário.

À Professora Doutora Rita Espanha, por ser não só uma excelente professora e orientadora, como também alguém com um enorme coração e espírito de ajuda, estando sempre disponível para me ouvir e ajudar com palavras de motivação e dicas que foram fulcrais na realização desta dissertação de mestrado.

Aos meus colegas Flávio, Marco, Lara, Beatriz e Isabela, por todos os momentos de cumplicidade e interajuda, entre trabalhos, aulas e jantares apressados. Foram dos melhores momentos que guardo deste mestrado.

Ao Pedro e ao Miguel, por ao fim de 21 anos continuarem a ser os melhores amigos que podia ter. Obrigado por entenderem sempre que não pude estar presente e mesmo assim fazerem por me incluírem em tudo, no melhor e pior, como sempre.

À Paula e ao Sérgio, por serem como uns segundos pais que me deram todo o amor e ajuda de forma incansável principalmente durante os meses de sufoco e stress na realização desta dissertação de mestrado.

Às minhas tias Isa, Teresa, Cristina, Júlia e Clara por todo o apoio e motivação que me foram dando ao longo dos anos, com toda a ajuda e força que me deram para chegar aqui.

À Catarina, por ser a pessoa que mais viveu este stress e ansiedade comigo. Obrigado por seres a melhor amiga, namorada, ouvinte e conselheira que podia ter. Desculpa por todas as noites mal dormidas e manhãs e tardes de ausência completa. Obrigado por toda a tua calma, paciência, amor, ajuda e motivação. Sem ti não era possível chegar aqui.

Aos meus pais, que abdicaram de tanto para que eu sempre fosse feliz. Obrigado por me apoiarem em cada projeto, ideia e plano, independentemente da vossa opinião. Não podia ter sido criado e educado por alguém melhor, pois se cheguei aqui a vocês o devo. Obrigado por se manterem fortes depois de tudo o que nos aconteceu, mas principalmente por nunca me terem deixado desistir e me terem dado forças para continuar. Espero ser sempre motivo do vosso orgulho e que consiga um dia dar-vos tudo aquilo que merecem.

Aos meus avós, por serem a epítome do altruísmo. Minha Lucília, obrigado por todos os mimos, raspanetes, conselhos, risotas, férias e principalmente por seres a mulher incrível e forte que és, como mãe, sogra e avó. Meu Nelinho e Minha Lourdes, realizo aqui uma das promessas que vos fiz. Obrigado por tudo o que fizeram toda a minha vida para que este momento se realizasse. Mesmo não estando fisicamente presentes, sei que estarão sempre comigo. Espero ter-vos orgulhado e prometo nunca desistir de realizar tudo aquilo que vos prometi.



## Resumo

As Tradições Académicas Portuguesas são desde a sua criação alvo de curiosidade e escrutínio social, nomeadamente no uso do Traje, a Praxe, a ligação ao fado de Coimbra, as Tunas e os Jantares Académicos.

Este mundo, as suas tradições e símbolos levantaram alguma curiosidade na população que procurava conhecer o que estava para lá dos muros da Universidade de Coimbra e mais tarde das diferentes variantes por todo o país.

Isto levou às primeiras interações entre a Comunicação Social e as Tradições Académicas Portuguesas. Apesar disso, a Comunicação Social tem um papel de influenciador de opiniões da população sobre os determinados temas da sociedade.

Este trabalho de investigação pretende perceber o impacto dos Meios de Comunicação Social na forma como As Tradições Académicas Portuguesas são vistas e interpretadas pela sociedade.

Após investigação tornam-se mais claras as razões para as mudanças na forma como as Tradições Académicas Portuguesas eram vistas. Para tal foram escolhidos momentos chave, como é o caso da Revolta dos Estudantes no final da Taça de Portugal de 1969 e a Tragédia do Meco, onde de uma forma positiva ou negativa, as Tradições Académicas fizeram as capas de jornais, revistas filmes e reportagens jornalísticas.

Palavras Chave: Praxe; Tradições Académicas; Traje; Tunas; Comunicação Social; Média

## Abstract

The Portuguese Academic Traditions are targets of curiosity and social scrutiny since their creation.

Then arises the use of the *Traje*, the *Praxis*, the connection to Coimbra's *Fado*, the *Tunas* and the academic dinners.

The curiosity about this world, its traditions and symbols raised some curiosity in the population that tried to know what was beyond the walls of the University of Coimbra and later on the different variants throughout the country.

This led to the first interactions between Social Communication and Portuguese Academic Traditions. Despite this and, whether intentionally or not, Social Communication has a role of influencing opinions on certain topics in society.

In this way, this research work aims to understand the impact of the Media in the way The Portuguese Academic Traditions are seen and interpreted by society.

After investigation the reasons for changes in the way the Portuguese Academic Traditions were seen became clearer. For that key moments were chosen, such as the Student Revolt at the end of the 1969 Portuguese Cup and the Tragedy of Meco, where in a positive or negative way, the Academic Traditions made the covers of newspapers, magazines, films and journalistic reports.

Key Words: Praxis; Academic Traditions; Traje; Tunas; Social Communication; Media

## Índice:

Dedicatórias e Agradecimentos .....	i
Resumo .....	iii
Abstract .....	iii
1. Introdução.....	1
2. O papel e Importância dos <i>Media</i> na imagem das práticas e Tradições Académicas.....	3
A Comunicação como Agente de Socialização .....	3
Agenda Setting e Gatekeeping.....	4
Os Meios de Comunicação Social.....	5
3. Contexto Histórico e o retrato mediático atual .....	9
O Início da vida Académica em Portugal.....	9
A Praxe.....	9
O Traje Académico .....	10
As Trupes, a Polícia Académica e a PIDE.....	10
As Primeiras Mudanças no Sistema Universitário.....	12
O Período Negro das Tradições Académicas e a Vontade de Mudança .....	13
4. Opções Metodológicas.....	17
5. Apresentação e Análise de Resultados.....	19
Os primeiros relatos mediatizados sobre a Tradição Académica .....	19
Os Primeiros Relatos Mediatizados sobre os Estudantes de Coimbra.....	20
As Novas Universidades fora de Coimbra e o Estado Novo .....	23
A Revolta dos Estudantes .....	24
A Final da Taça de Portugal de 1969.....	26
A Praxe pós Expansão Universitária .....	27
A Tragédia do Meco e as suas Repercussões.....	28
6. Notas Conclusivas .....	31
Referências Bibliográficas.....	37
Anexos.....	39
Anexo A- A confiança dos Portugueses sobre onde encontrar informação in Eurobarómetro n.º90, 2018.....	39
Anexo B- Diploma da Universidade de Coimbra, 1769 .....	39
Anexo C – Recordação de oferta de um estudante negro em 1880 .....	40
Anexo D – Figuras da Academia, Página 3, 1908 .....	40
Anexo E – Primeira Queima das Fitas em Lisboa, 1923 .....	41
Anexo F- “Académica na final, que grande “Galo”! “, 1969 .....	41



# 1. Introdução

Este trabalho de investigação é realizado numa altura em que as Tradições Académicas ressurgem aos poucos nas lentes da Comunicação Social e pela primeira vez desde 2013, não está sobre constante julgamento e crítica.

À data da redação desta Dissertação de Mestrado, aparecem em canal aberto nacional os estudantes da virtuosa Estudantina de Coimbra, uma das Tunas mais premiadas e uma das mais conhecidas do país.

Foram recebidos com um sorriso e entusiasmo e foi-lhes dado tempo de antena para que pudessem expor o que é o Fado de Coimbra e adjacientemente, parte da vida e tradição académica.

Depois da Tragédia do Meco, em 2013, o olhar público recaiu sobre as Tradições Académicas de forma mais efusiva e desde então começou pelo país uma tentativa de “limpar o bom nome” das Tradições Académicas com Atividades de Praxe de fundamento social como o restauro de fachadas de edifícios entre outros e em 2018 com a participação de uma Tuna no genérico da telenovela “Valor da Vida” na TVI começou a ver-se uma mudança de posição mediática em relação às Tradições Académicas.

Com a atual pandemia mundial do Sars-Cov2, também conhecido como Coronavírus ou Covid-19, o quotidiano da população em geral, incluindo o dos estudantes, sofreu alterações em todos os aspetos.

Foi proibido o ajuntamento de mais de 5 pessoas em espaço público o que leva a que atividades de praxe não fossem possíveis.

Isto foi notícia em todos os canais de televisão nacionais, com uma cobertura por diversos institutos e universidades com o intuito de recolherem depoimentos sobre o tema.

Pela primeira vez desde o trágico acontecimento de 2013, a praxe académica não era alvo de um foco tão positivo com as peças jornalísticas demonstrando a tristeza dos jovens estudantes por não poderem experienciar a tradição da sua respetiva instituição de ensino.

Não foram feitas quaisquer críticas à praxe ou aos praxantes, nem mesmo quando a Universidade de Coimbra decidiu que, com bastante cautela e organização, a praxe ia continuar presente em mais um ano letivo.

Era assim a primeira e única a anunciar a continuação da tradição académica em tempo de pandemia.

No entanto, nem sempre a visão sobre a Praxe, as Tunas ou a Tradição Académica em geral foram positivas.

O objetivo desta dissertação de mestrado foi viajar pelos largos anos desde a implementação do que se conhece hoje como Tradições Académicas e tentar perceber em que pontos e porque é que a perceção pública se alterou em relação a estas tradições e qual foi o papel da comunicação social nesta alteração.

Para tal, procuraram-se encontrar 3 pontos chave que servirão como base para a análise das transições da opinião pública sobre as Tradições Académicas em Portugal.



São elas, os primeiros relatos sobre a Tradição Académica em Coimbra, a revolta dos Estudantes na final da Taça de Portugal de 1968/69 e o Incidente do Meco.

A distância temporal entre os acontecimentos deve-se ao facto de existir apenas uma ligeira flutuação na opinião e apresentação mediática das Tradições Académicas e apenas após os eventos chave é que a apresentação e opinião se mostraram bastante diferentes.

## **2. O papel e Importância dos *Media* na imagem das práticas e Tradições Académicas**

A Tradição Académica, por isto entenda-se a Praxe, Tunas, Traje Académico e todos os pequenos trejeitos típicos e próprios da vida na Academia, sempre foram alvos de escrutínio social.

Após o Surgimento da Imprensa Nacional e dos pequenos jornais locais, os quotidianos das cidades tornaram-se uma realidade sempre presente. Como tal, parte desse quotidiano passava, principalmente na cidade de Coimbra, pelo escrutínio, análise e curiosidade sobre a vida académica.

No ano de 1908 surgem publicações que retratam alguns de algumas figuras da Academia de Coimbra (Costa,1908) assim como, entre tradições ou focos de interesse da cidade, surgem mais uma vez os estudantes como foco de publicações sobre as Coisas de Coimbra (1908). Começou a ser assim, e através da exposição oral e escrita, da experiência de antigos alunos, que algumas das coisas relacionadas com a tradição académica se começaram a espalhar pelo país. Pouco a pouco foi-se sabendo o que era feito em Coimbra.

Não que alguma vez tenha sido segredo, mas foi aos poucos tornando o desconhecido em algo mais presente no quotidiano, inicialmente na zona de Coimbra e á medida que o tempo foi passando e as universidades começaram a surgir por todo o país, a Tradição Académica também se foi regionalizando.

Antes de iniciarmos uma análise mais detalhada sobre se existiu ou não alguma influência mediática na forma como a sociedade vê as Tradições Académicas em Portugal temos de primeiro perceber a importância dos média na construção da realidade e na criação de imagens e a forma como estes conseguem ou não tordar a realidade. Temos também de tentar perceber a importância das Tradições Académicas na construção da imagem da academia e de que forma elas podem moldar a imagem de uma instituição de ensino universitário ou até mesmo de todas elas. Para isso focar-nos-emos na análise de diversas obras e autores que debatem a hiper-realidade, framing, gatekeeping e a construção social a partir dos média.

### **A Comunicação como Agente de Socialização**

Para Montero (1993) e McQuail (1987), os meios de comunicação social eram mais do que apenas depositários de informação generalizada. Para estes autores, a Comunicação Social era um método ativo e um agente de socialização. Ambos consideravam que este processo de socialização era na verdade uma das consequências a longo prazo da existência da comunicação social.

Estes definiram os meios de comunicação social como agentes de interação entre as instituições sociais e que desta forma acabariam por modificar a forma como elas se conectavam com o meio social e até mesmo a forma como as pessoas se conectavam em grupo. Para além disso, acreditam que os meios de comunicação social podem atuar como agentes de socialização política através da configuração do conhecimento sobre a mesma e modelam uma escala de valores que levam à participação ou desinteresse da população.

Este é o caso quando falamos sobre tradições académicas. O foco constante sobre o acontecimento passado na praia do Meço em 2013 e a constante crítica à praxe levou a que a população em geral criasse uma imagem bastante negativa sobre a mesma, levando a insultos generalizados, mas que não chegaram a ser reportados pela comunicação social.

A perspetiva central do conceito da socialização através dos meios de comunicação social é a de que toda a realidade é socialmente construída pelas práticas individuais e sociais influenciadas pelos meios de comunicação sociais aos quais o indivíduo ou o seu núcleo próximo é exposto (McQuail, 1987).

Através desta explicação de McQuail e Montero podemos perceber, então, que os meios de comunicação social conseguem moldar a informação através das diferentes formas como abordam diferentes temas.

Se para Montero e McQuail os meios de comunicação social podiam interferir com a forma como as pessoas viam a política, o mesmo pode ser aplicado às tradições académicas.

## **Agenda Setting e Gatekeeping**

Como ficou explícito no estudo de McCombs e Shaw nos anos 70, o facto de os meios de comunicação social prestarem mais atenção a certos acontecimentos em detrimento de outros acabam por produzir efeitos nas pessoas que os consomem (McCombs, 2016). Este processo de seleção de informação sobre um tema acaba não só por se tornar num processo de Agenda Setting como se torna também num processo de Gatekeeping.

David Manning White aplicava em 1950 o conceito de gatekeeping ao jornalismo afirmando que o gatekeeping não podia ser realizado por uma pessoa só, mas sim por um meio de comunicação social enquanto instituição pois são eles que escolhem o que interessa ao seu público alvo (White, 1999).

Durante o processo do caso Meco, tanto os jornais como as televisões insidiam duras críticas à praxe em geral sem dar oportunidade aos órgãos da praxe espalhados pelo país de poderem expor diferentes pontos de vista. Apenas quando foi confirmado que aquela tragédia não tinha sido obra de uma atividade de praxe, mas sim de um ritual daquele grupo em específico<sup>1</sup> é que a comunicação social começou a afastar as críticas generalizadas sobre as tradições académicas em geral, mas mantendo ao mesmo tempo o foco nas diversas praxes abusivas. Apesar disso, a opinião pública já estava formada, por ter sido notícia constante, ao longo de meses, que aqueles jovens tinham falecido durante uma atividade de praxe.

A construção mediática sobre aquela realidade fez com que a sociedade visse a praxe em geral como algo a evitar uma vez que eram constantemente reportadas em todas as fontes mediáticas todos os tipos de praxe abusiva, não reportando, no entanto, toda e qualquer praxe positiva, mantendo assim a imagem negativa sobre a praxe (Estanque; Mineiro; Sebastião; Lopes; Silva, 2017). No entanto, e da mesma forma como a comunicação social conseguiu noticiar constantemente o incidente que vitimou aqueles jovens como sendo uma atividade de praxe, conseguiu também mais tarde reverter aos poucos a esfera social envolvente.<sup>2</sup>

Aliado ao esforço de várias universidades em provar à comunicação social que a praxe não é violência<sup>3</sup>, a comunicação social acabou por tomar uma posição mais neutra no que diz respeito à praxe, passando a anunciar anualmente a abertura das épocas académicas, estando presentes em universidades e institutos para entrevistar alguns jovens estudantes.

---

<sup>1</sup> Franco, Hugo (2014) - *Afinal não houve Praxe no Meco* disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/afinal-nao-houve-praxe-na-praia-do-meco=f883068>

<sup>2</sup> Fillol, Joana (2015) – *Da teoria à praxe: as práticas de que a malta gosta* disponível em <https://www.jn.pt/nacional/da-teoria-a-praxe-as-praticas-de-que-a-malta-gosta-4796541.html>

<sup>3</sup> Correio da Manhã (2016) - *Baixaram as Queixas por Praxes Abusivas* disponível em <https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/baixaram-as-queixas-por-praxes-abusivas>

Para além disso, ao darem abertura a que as universidades provassem o erro da comunicação social em classificar a praxe, em geral, como algo violento, conseguiram também levar á sociedade uma imagem de alegria dos jovens estudantes.

Em 2018, com a participação de uma tuna no genérico de uma novela da TVI, a comunicação social veio demonstrar que aceitava as tradições académicas. Isto fez com que as opiniões voltassem aos poucos a ser mais neutras em relação á praxe, ás tunas e restantes tradições académicas, aspetos que podemos considerar previstos pela teoria de socialização dos *media* apresentada por de Montero e McQuail, assim como a teoria de Agenda Setting de McCombs e Shaw e a teoria de Gatekeeping de David White, no que se relaciona com a construção da opinião pública.

Os meios de comunicação social têm, portanto, e segundo estes autores, o poder de mudar perceções sobre os mais diversos temas através dos diversos métodos anteriormente referidos.

A tradição académica tem ganho cada vez mais mediatismo através das diversas oportunidades e exposição concedida pelos meios de comunicação social. Programas de entretenimento como o “Somos Portugal” ou o “Domingão” percorrem o país mostrando o melhor que há em cada região. Desse modo expõem não só artesanato e gastronomia como também expõem artistas e tradições regionais.

Ao passarem por Coimbra ambos os programas abrem portas à mediatização da tuna e da tradição académica como património cultural de interesse ao darem espaço a atuações por parte de tunas como também na filmagem da universidade mais antiga do país e o diálogo com alguns académicos.

Esta mediatização mais recente vem demonstrar que a construção da realidade e das opiniões da sociedade estão intrinsecamente ligadas aos meios de comunicação social.

## **Os Meios de Comunicação Social**

Apesar das evoluções ao longo dos anos, os meios de comunicação social tradicionais não estão extintos. A primeira prova disso são as vendas de dezenas de diferentes jornais em formato físico que ainda existem em circulação. A imprensa foi o primeiro meio de comunicação social a ser difundido pelo mundo e com a sua chegada a Portugal, alguns dos assuntos mais importantes passaram a ter alguma cobertura mediática.

Fossem elas boas ou más informações, tudo o que ocorria em Portugal era, de certo, notícia no dia seguinte. Surgem também os pequenos jornais regionais para cobrir mais em detalhe as informações referentes aos habitantes das diversas regiões do país que viam informações válidas para eles não serem publicadas nos jornais de maior alcance devido à escassez de espaço ou interesse coletivo sobre diverso tema. É através da imprensa que surge o primeiro relato mais detalhado da vida por Coimbra.

Como a Universidade de Coimbra é não só a mais antiga do país como, durante muitos anos também a única, a atenção dos estudantes e entusiastas prendia-se obviamente no que se passava para lá dos portões da instituição.

Mais uma vez coube aos meios de comunicação social reportar em diversas publicações ao longo dos anos o que ali se ia passando. Entre representações caricaturadas de figuras importantes da Universidade de Coimbra, das suas funções e dos calendários de exames, a imprensa também foi responsável por dar a conhecer as datas para as inscrições e consequentes atividades praxantes como também as datas para as atuações da tuna.

Sendo a única forma de se obter informação sobre os mais variados temas, a imprensa local era bastante valorizada.

Bastante mais tarde, já no século XX surge a segunda fonte de comunicação social tradicional – a Rádio. Tal como a imprensa, viram os novos desenvolvimentos tecnológicos tornarem um pouco difíceis as suas evoluções, mas com algum engenho e adaptação continua a ser um dos meios de comunicação mais presentes no quotidiano da população portuguesa.

Diariamente a rádio ainda faz sentir a sua presença enquanto meio de comunicação social, seja pela divulgação de novos artistas musicais, seja por entrevistas a personalidades de interesse, seja mesmo pelo relato dos jogos de futebol, noticiários mais curtos onde em breves minutos são dados todos os destaques do dia ou até mesmo pelos avisos meteorológicos.

A rádio disfrutou das primeiras evoluções tecnológicas para conseguir entregar a informação de forma mais rápida e com maior propagação por todo o país, colmatando também a infoexclusão de muitos portugueses que não tinham capacidades literárias para compreender a informação distribuída pela imprensa. Foi através da rádio que muitos portugueses souberam da revolta estudantil de 1969 e das tentativas anteriores de 1962, que ficaram conhecidas como o período da “Crise Académica” (Cruzeiro, 1989).

Os comunicados mais importantes feitos para a nação eram transmitidos principalmente na emissora nacional onde abrangia o maior número de lares, e só depois era transmitida a informação por outro meio de comunicação social tradicional – a televisão.

O século XX mostrou ser o impulsionador não só da transformação tecnológica como, aliado a isso, veio a evolução nos meios de comunicação social. Ao aparecer a televisão, as informações ganharam forma e som, dando movimento à até então imagem fixa de um jornal, fundindo-a com o som que provinha antes apenas de um rádio.

A televisão foi um contributo enorme para a propagação da informação nacional. Momentos como a revolta dos estudantes em plena final da Taça de Portugal foi transmitida em canal nacional. Foi a primeira vez que era visível em televisão a contestação contra o regime ditatorial em Portugal tendo em conta que devido á censura, nada anteriormente havia sido noticiado em televisão.

Para além deste momento, é impossível esquecer as emissões sobre a queda do muro de Berlim ou o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center. Podemos dizer que a televisão trouxe à comunicação social uma primeira forma de conhecer o mundo e presenciar acontecimentos que através de outro meio de comunicação tradicional não causariam tanto impacto.

Foi também através da televisão que todo o país sobre a tragédia do Meco em 2013. Durante largos meses de investigação e deliberações judiciais sobre o caso, a televisão foi o principal meio de comunicação social para a difusão de nova informação sobre os acontecimentos ligados a esta tragédia. No entanto, a televisão não foi o único meio social a cobrir o acontecimento.

Desde meados dos anos 90 que a internet começou, de forma bastante rápida a ganhar popularidade.

Apesar de em Portugal a televisão continuar a ser a forma mais escolhida para o acesso a informação fidedigna<sup>4</sup>, como é possível ver no Anexo A, retirado do Eurobarómetro 90 sobre confiança de informação em Portugal, a internet tornou a comunicação social num processo praticamente instantâneo. Este acesso e propagação instantânea de informação criou uma

---

<sup>4</sup>Bandeira, Mariana (2019) - *Maioria dos portugueses confia na televisão e rádio* disponível em <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/maioria-dos-portugueses-confia-na-televisao-e-radio-415676>

rede mundial de troca de conhecimentos a que muitos chamam de “Aldeia Global” (Barbrook, 2012).

Tal como esperado, a internet consegue transmitir não só informações em formatos de mensagens ou textos como também criar vias de transmissão em direto bastando para isso um computador ou telemóvel com acesso à internet.

A internet tornou-se um mundo de acesso fácil a informações, mas onde também reina a desinformação. Em diversos inquéritos e estudos podemos ter a perceção que muita da população portuguesa acredita imediatamente no que lê online sem sequer verificar as fontes ou confirmar a veracidade de informações.

Isto cria em ambientes como as redes sociais, uma partilha desinformada que leva a muita revolta e muitos conflitos sobre os mais variados temas. Cada vez mais os meios de comunicação social tendem a migrar para o mundo online de forma a oferecer às pessoas fontes seguras de obter informação de forma a evitar a desinformação (Wilke, V.C.L, 2019).

Para além disso, publicações como o “Poligrafo” tendem a investir todo o seu foco no combate à desinformação, aleando-se à SIC e criando o programa “Poligrafo SIC” para obter uma base legítima para realizar este combate à desinformação<sup>5</sup>. A comunicação social tradicional continua a ter bastante importância nem que seja pelo facto de estes meios transmitirem confiança aos seus consumidores mediáticos (Anexo A).

O mundo online veio revolucionar a forma como a comunicação é feita, mas também deu acesso a que qualquer pessoa se possa tornar repórter ou jornalista se assim o entender criando muitas das vezes situações de desinformação, seja por adulterar factos, seja por apenas expor parcialmente os acontecimentos.

Em 2020 e em período de pandemia, a informação mediática é não só transmitida através dos seus meios comuns, como televisão, rádio ou imprensa, como também via online, seja por websites ou por aplicações móveis.

Se não fosse a comunicação social e todos os seus meios de difusão de informação, as decisões sobre as precauções a ter em relação á pandemia, número de infeções atualizados constantemente, informações sobre as zonas de maior contágio, proibições ou recomendações seriam totalmente desconhecidas pela população.

Para além disso, mesmo em situação pandémica, a informação sobre os mais diversos temas continua a ser produzida e difundida, seja através dos jornais, rádio ou televisão, seja através da internet. Prova disso foi a constante proposta e contraproposta da Universidade de Coimbra e da Direção Geral de Saúde em manter a praxe ativa em tempo de pandemia e o constante foco da comunicação social em atualizar essa informação, tanto junto da Universidade de Coimbra como junto da Direção Geral de Saúde<sup>6</sup>.

Por fim, acabou por se chegar a um meio termo, onde a Praxe irá manter-se em Coimbra, seguindo todas as indicações e recomendações da Direção Geral de Saúde, de forma a que, pelo menos em Coimbra, a tradição se mantenha.

---

<sup>5</sup> Estatuto Editorial do Poligrafo disponível em <https://poligrafo.sapo.pt/institucional/artigos/estatuto-editorial>

<sup>6</sup> Público (2020) - *Praxe em Coimbra mantém-se* disponível em <https://www.publico.pt/2020/09/22/p3/noticia/praxe-coimbra-mantemse-uso-mascara-distanciamento-1932519>



### **3. Contexto Histórico e o retrato mediático atual**

Ao longo dos anos muito se tem falado do verdadeiro significado e importância das tradições académicas na sociedade portuguesa. Apesar da opinião ser bastante dispersa e, por vezes, divergente, o seu peso cultural e histórico não pode ser negado (Marta, 2011).

Muitos foram os retratos destas tradições que chegaram aos olhos e imaginário dos portugueses.

#### **O Início da vida Académica em Portugal**

Começando logo na sua instauração em Portugal, o Ensino Universitário tentou trazer o direito à instrução a quem assim o desejasse. Com isso, muitos jovens vindos de diversas partes do país iniciaram as suas jornadas em busca pelo conhecimento.

Sendo que inicialmente não existiam universidades espalhadas pelo país, muitos jovens tinham de se deslocar e permanecer em habitações próximas da Universidade de Coimbra. Estas estadias eram bastante caras, assim como a matrícula e livros o que levava a que a grande maioria dos jovens ali presentes viessem de origens de classe média ou alta e que posteriormente formariam as elites políticas, culturais e intelectuais do nosso país (Estanque, 2016).

Com isto em mente, muitos pais temiam que o seu investimento na educação dos seus filhos, principalmente os mais velhos, fosse um risco para o futuro familiar uma vez que estes se encontravam longe de casa, entregues ao desconhecido.

Devido a isso era comum os pais procurarem um aluno mais velho que pudesse orientar e proteger os alunos deslocados pelas cidades, em troca de algum dinheiro. A esse processo foi dado o nome de apadrinhamento académico. Bastante diferente da realidade atual, o apadrinhamento era visto por alguns alunos como uma forma de negócio. Este processo bastante recorrente ajudou a criar e cimentar relações dentro das universidades.

#### **A Praxe**

Outro dos processos que ajudou a cimentar relações entre estudantes na universidade foi a Praxe (Estanque, 2016). Anteriormente chamada de Investidas ou Troça, o objetivo prendia-se numa série de atividades de iniciação e de animo leve para receber estes novos alunos na universidade, ao mesmo tempo que os alunos mais velhos lhes transmitiam também valores e conhecimentos. No entanto, durante o século XVI as práticas tornaram-se bastante violentas, com o surgimento do canelão e o raspanço onde a violência física reinava.

Na segunda metade do Século XIX o nome destes rituais de iniciação passaria para Praxe, tal como o conhecemos hoje. A Praxe sofreu várias extinções e reaparecimentos. Na altura da instauração da República em 1910 a praxe é banida, retornando em 1919 como símbolo da academia.

Em 1969 acaba por desaparecer de novo devido ao Luto Académico, do qual falaremos mais à frente. Ressurge já na década de 80 e rapidamente se espalha por todas as novas universidades do país.



Passou também por vários processos de suavização da violência física e psicológica, devido a um elevado número de queixas e acidentes. Nos dias de hoje a Praxe continua a ser dos temas mais controversos do panorama académico.

## **O Traje Académico**

Apesar de inicialmente o uso de traje académico estar ligado a tradições da igreja católica, com o passar dos anos tornou-se obrigatório o uso de um uniforme académico. Inicialmente para distinguir os estudantes daqueles que habitavam a cidade de Coimbra e depois para uniformizar, tal como uma farda, a aparência do estudante académico uma vez que começaram a surgir problemas de discriminação entre os alunos mais abastados e os alunos mais pobres com o aparecimento de mais universidades pelo país e com o acesso dos alunos mais desfavorecidos ao ensino superior. O traje académico é até aos dias de hoje um dos maiores símbolos da tradição académica, reconhecido em todo o país (Marques e Norongando, 2016).

Atualmente, existem diversas versões de Traje Académico variando entre universidades, tendo em conta as necessidades e tradições das cidades onde estas se situam. Para além do traje académico, o estudante teria inicialmente de se fazer acompanhar dos seus livros e, mais uma vez, para não gerar qualquer tipo de discriminação entre as classes sociais dos alunos, os mesmos teriam de transportar os seus livros e sebatas numa pasta chamada Pasta Quintanista.

Com o passar dos anos foi-se adotando algumas alterações às regras do uso do traje académico assim como alguns comportamentos em âmbito escolar nas universidades. Desde cedo, no entanto, outro item acabou por se juntar à lista de objetos transportados pelos estudantes universitários- A Moca.<sup>7</sup>

## **As Trupes, a Polícia Académica e a PIDE**

Tal como o nome indica, a Moca é uma exata cópia de uma arma medieval. Feita de madeira maciça e com um tamanho variável, a Moca era a arma de defesa dos estudantes frente ao crescente controlo por parte das Trupes Académicas (Estanque, 2016) que haviam sido instaurada em 1308 após ordem de D.Dinis com o intuito de manter os estudantes focados nos estudos, após criar horas de estudo e recolher obrigatório, sancionando os estudantes que não cumprissem as regras.

As trupes nada mais eram do que grupos de alunos mais velhos dotados da responsabilidade de proibir alunos fora dos dormitórios após a hora de recolher. Em 1408, D.João I cria o Foro Académico, “com o intuito de garantir aos membros do corpo universitário um estatuto de exceção, permanecendo resguardados das exigências da justiça civil” (Estanque, 2016). É derivado desta criação que surge o uso obrigatório do traje académico, como forma de distinguir os estudantes do resto da sociedade civil. O Foro Académico, no entanto, foi extinto em 1832, sendo criada a Polícia Académica em 1836.

Esta polícia tinha como objetivo realizar patrulhas e controlar o comportamento dos estudantes ao mesmo tempo que fazia cumprir os recolheres obrigatórios e horários de estudo.

---

<sup>7</sup> Nunes, António (2009) - *Nota sobre a Origem das Insígnias de Praxe* disponível em <http://notasemelodias.blogspot.com/2009/07/notas-sobre-origem-das-insignias-de.html>

Apesar de mais tarde ter sido extinta enquanto polícia oficial, os estudantes mantiveram o patrulhamento, recorrendo às bases das tropas para manter a ordem em Coimbra. Apesar de se manterem várias formas de controlo sobre os estudantes, o período de maior controlo foi tido durante o regime ditatorial. Este era um período conturbado na sociedade académica portuguesa uma vez que a ditadura restringiu em muito os percursos académicos dos seus estudantes (Garrido, 2008).

Após a segunda guerra mundial foi-se criando a esperança de que os fascismos europeus fossem caindo às mãos da democracia, mas tal não aconteceu em Portugal, mantendo os costumes e tradições conservadoras, a perseguição e o controlo social, incluindo nas universidades.

Para além disso, noites de fados, cânticos revoltosos, presenças de tunas e saídas noturnas eram completamente controladas e repudiadas pelo regime. Sempre que existia uma denúncia ou suspeita, a Polícia Académica, agora a funcionar através da PIDE (Vulter, 2017) recorria rapidamente à força o que levou os estudantes a ter de optar por uma arma que apesar de perigosa raramente causava ferimentos graves, mais uma vez, a moca, que ficou em uso até à década de 80 do século XX, passando depois a obter apenas um valor simbólico como insígnia da praxe.

Foi uma época bastante difícil para os estudantes até se darem início os primeiros movimentos de revolta estudantil em meados do século XX. Um pouco espalhada pela Europa, mas com maior incidência em França, o ano de 1968 fica marcado com uma mão cheia de revoltas estudantis contra a opressão e controlo fascista sobre a sociedade, mas principalmente, sobre a vida académica (Castoriadis, Lefort e Morin, 2008).

Apesar da revolta em Portugal não ter servido de alavanca imediata para a queda da ditadura, serviu, no entanto, para mudar a perceção das pessoas sobre os estudantes académicos.

Tal como tinha sido mencionado anteriormente, muitas vezes, os alunos tinham de se deslocar bastantes quilómetros para poderem ter acesso à universidade, sendo que o interior e região mais a norte do país sofriam com este êxodo rural. Para além disso, a educação e informação nestas zonas era escassa sendo que muitos apenas sabiam o que se passava por telefone ou via rádio. Com isto era bastante fácil disseminar os ideais do regime sem muita oposição. Principalmente no cinema, o regime demonstrava um preconceito bastante vincado em relação aos estudantes académicos, como a representação dada por Vasco Santana que mais à frente será referenciada.

Sendo que estes estudantes estavam a instruir-se, muitos deles em direito, ou estudos humanos, o regime temia que tentassem derrubar a ditadura, em busca de uma democracia, principalmente depois dos primeiros conflitos no início do século XX e pós segunda guerra mundial. Para além da perseguição aos estudantes e impedimento de estudar diversas disciplinas por serem consideradas antirregime, era no cinema e rádio que o principal pilar para a perceção errada dos estudantes começava.

Um dos expoentes máximos do cinema português é sem dúvida o século XX onde obras como *O Leão da Estrela* (Duarte, 1947), *Canção de Lisboa* (Telmo, 1933) ou *O Pátio das Cantigas* (Ribeiro, 1942) deliciaram o imaginário de milhares de Portugueses com o retrato da sociedade contemporânea. No entanto, no meio de tanta alegria e aparente perfeição da sociedade uma personagem emblemática acaba por se destacar. Vasco Santana e o seu retrato da vida de um estudante académico, aos olhos do regime.

Vasco Santana era um estudante universitário, a tirar o curso de medicina, que preferia ludibriar as tias, que lhe pagavam os estudos, dando prioridade a noites em festas académicas, onde cantava e bebia e tentava cortejar diversas jovens suas contemporâneas. Esta imagem marcou uma geração. Uma geração que ao não optar ou não ter possibilidade de seguir uma vida académica se via no direito de criticar e denegrir quem optava pelos estudos após a exposição desta obra cinematográfica.

As percepções começaram a mudar a partir da revolta estudantil de 1969 e o histórico momento da final da Taça de Portugal 68/69 proporcionado pela Associação Académica de Coimbra em frente aos olhos do regime.

O regime mais uma vez temeu que os estudantes se revoltassem e tentassem um golpe de estado em plena final da Taça de Portugal e pela primeira vez, a bancada presidencial do Estádio Nacional esteve vazia. Tarjas, Cânticos e Luto Académico assim como uma entrada e apresentação fora do normal em campo, fizeram com que milhares de portugueses percebessem finalmente que algo se passava.

A Censura rapidamente impediu que algumas notícias fossem publicadas nos jornais, mas serviu o movimento para mostrar que os estudantes estavam descontentes com o futuro do país e que eram a favor da mudança. (Campos, 2009) Eram lutadores, defensores do direito à informação, à educação e as tradições académicas não existiam apenas para passar noites em tascas a cantar fado e na vida boémia. Após o fim da ditadura em Portugal muita coisa mudou no mundo académico, não só com uma abertura a mais temas de estudo como a uma mudança de comportamento e pensamento.

### **As Primeiras Mudanças no Sistema Universitário**

Nos governos socialistas de Mário Soares foi aprovada legislação que abrangia as mudanças das universidades portuguesas (Torgal, 2015). As principais mudanças foram curriculares, com a abertura ao ensino de mais disciplinas e da gestão democráticas das instituições de ensino superior.

Nesta altura começam a surgir mais Universidades pelo país, incluindo os politécnicos e os institutos particulares que até à década de 80 não existiam no país. Por outro lado, a organização da investigação científica ia tendo também as suas alterações substantivas, acompanhando o processo de globalização (Torgal, 2015).

Com esta liberdade também acabaram por existir alguns excessos principalmente depois da extinção do controlo da PIDE sobre os estudantes. Noites boémias e festas académicas tornar-se mais habituais e isso teve algumas consequências.

Apesar de na grande maioria, os estudantes estarem a lutar por um futuro e cumprirem com as suas obrigações enquanto estudantes, a sua imagem também poderia acabar por ficar manchada aos olhos da sociedade se existissem relatos de violência em jantares e festas académicas. Estes jantares e estas festas académicas apesar de derivarem diretamente das festas tidas em Coimbra, tinham um cunho muito próprio em cada região. O afastamento de Coimbra trouxe também as mudanças na interpretação do Código de Praxe original, que, se por um lado trouxe a possibilidade de se ter diversos tipos traje pelo país e mudanças adequadas às regiões, trouxe também comportamentos negativos para a praxe e tradições académicas que não estariam presentes em Coimbra.

Estas mudanças começaram com o aparecimento das universidades de Lisboa e Porto, ambas fundadas em 1911. A partir desse momento, os costumes de Coimbra e algumas das suas tradições foram levados e acostumados às cidades. Enquanto Coimbra mantinha o mesmo Código de Praxe e as suas regras, tanto a Universidade do Porto como a de Lisboa tinham de criar os seus e apesar de inicialmente seguirem as indicações do código de praxe original, rapidamente acrescentaram ou alteraram algumas das regras impostas.

O período de maiores mudanças ocorreu depois do declarado Luto Académico, com a reintegração da praxe e costumes académicos de volta às Universidades, já nas décadas de 70 e 80 (Estanque, 2016).

Apesar disso, a imagem manteve-se maioritariamente positiva até ao final do século XX e início do Século XXI.

Tudo corria de forma calma, os noticiários elogiavam o esforço dos jovens em entrar para o ensino superior e as tunas faziam algumas presenças em programas de entretenimento aos fins de semana.

## **O Período Negro das Tradições Académicas e a Vontade de Mudança**

A opinião social era positiva em relação aos estudantes e às suas tradições académicas.

Tudo mudou em janeiro de 2003, com a publicação de uma carta pertencente a uma aluna da Escola Superior de Saúde de Macedo de Cavaleiros, que expôs a violência e humilhação que viveu de forma constante em ambiente de praxe. A publicação desta carta no jornal “Público” levantou um mar de outras exposições sobre o mesmo problema (Estanque, 2016). Aos poucos, pessoas de todos os pontos do país começaram a partilhar publicamente as histórias de humilhação e violência pela qual foram passando no decorrer das suas experiências enquanto participantes da praxe académica.

Esta carta acabou por atingir um mediatismo elevado, passando por todos os meios de comunicação social disponíveis e acabando por chegar às mãos da Assembleia da República e do Ministério da Educação. Surgem então os movimentos Anti Praxe que a partir desse momento fazem com que se dividam as opiniões sobre a praxe, fazendo com que milhares de opiniões fossem tornadas públicas, através da comunicação social e até de sites como o M.A.T.A e o Antípodas.

Numa publicação de dia 11 de janeiro de 2003, um leitor do jornal “Público” refere-se à praxe como “rituais de imbecilidade”, aos “fatos académicos tão tradicionais quanto ridículos” e “atrasados mentais”.<sup>8</sup> Começam então as universidades a começar a demarcar-se devido à crescente polémica e acontecimentos, atingindo um terço das universidades a proibir atividades de praxe dentro das suas instalações, como verificado em 2018<sup>9</sup>.

Ao longo dos anos foram continuando a existir relatos de praxe abusiva ou comportamento abusivo em contexto de praxe, mas um dos pontos de maior crítica negativa à praxe decorreu em 2013.

Segundo o que foi avançado por jornais como o Expresso, o Diário de Notícias, o Público ou o Correio da Manhã, as autoridades foram alertadas quando de madrugada um jovem em pânico pede ajuda, no areal da praia do Meco, após o afogamento e posterior desaparecimento dos seus amigos.<sup>10</sup> Tudo começou quando um grupo de jovens pertencentes à Universidade Lusófona decide ir para um alojamento perto da praia do meco para realizar o que foi descrito em tribunal como um ritual de passagem afeto à praxe académica. Completamente trajados, numa noite de mar revolto vão entrando, um a um, no mar. O peso do traje e a revolta do mar provou-se fatídica para os jovens ficando apenas o

---

<sup>8</sup> Santiago, Rodrigo (2013) – *Fui absolvido pelos julgadores, uma plêiade de atrasados mentais* disponível em <https://acervo.publico.pt/multimedia/a-experiencia-da-praxe>

<sup>9</sup> SILVA, Samuel – “Mais de um terço das instituições de ensino proíbe a praxe” in <https://www.publico.pt/2018/12/08/sociedade/noticia/metade-universidades-aceita-praxes-instalacoes-1854000> , 8 dezembro 2018

<sup>10</sup> Reis, Carolina (2013) - *Um morto e cinco desaparecidos no Meco* disponível em <https://expresso.pt/sociedade/um-morto-e-cinco-desaparecidos-no-meco=f846349>

então Dux fora de perigo. Os corpos desaparecem e começa assim o período mais negro para tudo aquilo que a tradição académica representa.

Assim que o caso se tornou público foi apresentado como tendo sido “um crime em praxe académica”.<sup>11</sup> Tudo mudou. A revolta social em relação a tudo o que dizia respeito a tradição académica era bastante palpável. Durante todo o decorrer do processo de investigação assim como do processo judicial, o caso passava em todos os noticiários, pelo menos duas vezes por dia, à hora de almoço e ao jantar.

Começaram a surgir movimentos para banir a praxe académica das Universidades e uma onda de ódio e repúdio pelas ruas, sempre que eram avistados estudantes trajados, dentro ou fora do contexto de praxe académica.<sup>12</sup> Independentemente da faculdade ou cidade, os estudantes afetos a estas tradições académicas eram constantemente insultados em público.

Com o desenrolar das investigações chegou-se à conclusão de que na verdade os acontecimentos na praia do meco não tinham sido no decorrer de uma praxe académica,<sup>13</sup> o que ajudou um pouco a atenuar a intensidade de ódio e críticas à tradição académica. No entanto começaram a surgir cada vez mais depoimentos sobre praxe abusiva em diversas universidades e mais uma vez se voltou a fazer uma ponte entre o caso meco e a praxe, voltando a má conotação a tudo o que era estudante académico.

No documentário *Praxis* (Cabral, 2012) é possível constatar exatamente a forma degradante com que algumas pessoas praxavam os seus caloiros. O descontentamento de muitas das universidades ao estarem conotadas como sendo a favor da praxe levaram a que muitas instituições, que sempre foram órgãos separados da praxe, passassem a proibir a realização de práticas de praxe dentro das instalações das universidades numa tentativa de se distanciar ainda mais das críticas.<sup>14</sup>

As regras dentro dos órgãos organizadores da praxe académica de cada universidade também foram modificadas para garantir que toda e qualquer atividade abusiva dentro da praxe fosse abolida, tornando assim as coisas mais dinâmicas num esforço de recuperar a boa imagem da praxe e das restantes tradições académicas.<sup>15</sup> O número de queixas e denúncias sobre a realização de praxe abusiva começou a descer devido a estes esforços e isso transpareceu na imagem passada através dos meios de comunicação social.

Com iniciativas como pintura de muros ou ajuda a idosos e sem-abrigo, algumas universidades conseguiram com que aquela praxe solidária chegasse às mãos dos meios de comunicação social e posteriormente a casa das pessoas.<sup>16</sup>

---

<sup>11</sup> Leal, Ana (2014) – *Meco: As provas que apontam para ritual de praxe* disponível em <https://tvi24.iol.pt/sociedade/videos/meco-as-provas-que-apontam-para-ritual-de-praxe>

<sup>12</sup> Marques, Pedro Nuno (2020) - *Será a praxe pior que a pandemia?* Disponível em <https://observador.pt/opiniao/sera-a-praxe-pior-do-que-a-pandemia/>

<sup>13</sup> Franco, Hugo (2014) - *Afinal não houve Praxe no Meco* disponível em <https://expresso.pt/sociedade/afinal-nao-houve-praxe-na-praia-do-meco=f883068>

<sup>14</sup> Silva, Samuel (2018) – *Mais de um terço das instituições de ensino proíbe a praxe* disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/sociedade/noticia/metade-universidades-aceita-praxes-instalacoes-1854000>

<sup>15</sup> SIC Notícias (2014) – *Oito comissões de praxe fizeram carta de princípios contra violência nos festejos académicos* disponível em <https://sicnoticias.pt/pais/2014-01-23-Oito-comissoes-de-praxe-fizeram-carta-de-principios-contra-violencia-nos-festejos-academicos>

<sup>16</sup> Correio da Manhã (2018) - *Caloiros trocam praxes por enxadas e pinceis* disponível em <https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/caloiros-trocam-praxes-por-enxadas-e-pinceis>

Culminando também com o final do caso do Meco, a oportunidade de mostrar uma mudança provou ser fortuita.

Atualmente as tradições académicas voltaram a estar mais afastadas do escrutínio social depois do bom trabalho em promoverem por todo o país a entreatada, o apoio e mudança de comportamentos dentro das atividades de praxe. Continuam a existir jantares académicos, sempre animados, mas mais conscientes e com mais regras de forma a não mancharem a reputação não só das instituições que representam como também da própria tradição académica. As tunas pouco a pouco vão voltando a fazer aparições em programas de entretenimento e algumas até em genéricos de telenovelas.<sup>17</sup>

As tradições académicas voltaram a estar bem conotadas pela sociedade graças também ao papel importante dos meios de comunicação social em difundir não só na televisão, mas também nas redes sociais, as boas ações e acontecimentos em seio académico.

---

<sup>17</sup> Costa, Maria João & Graciano, Sérgio (2018) - *VALOR DA VIDA*, Plural Entertainment



## 4. Opções Metodológicas

No que diz respeito às opções metodológicas para a realização deste trabalho de investigação, a escolha mais adequada foi a da análise de notícias, reportagens, recortes de jornais e obras académicas e literárias sobre as temáticas de tradição académica, praxe e os casos específicos como o primeiro relato sobre a tradição académica, o jogo de futebol da final da Taça de Portugal do ano de 1968/1969 e o incidente do Meco em 2013.

A escolha deste método residiu no facto de existirem pontos chave na linha temporal sobre a tradição académica que num formato de questionário não poderiam ser respondidas de forma global, uma vez que alguns acontecimentos se deram em períodos temporais bastante distintos, sendo que a Final da Taça de Portugal e a revolta dos estudantes aconteceram há 52 anos e os primeiros relatos sobre a Tradição Académica em Coimbra já datam a meados do século XVII.

O primeiro objeto de estudo que foi escolhido, pela sua relevância no tema, foi a primeira menção a uma Universidade em Portugal assim como o uso de traje como forma de identificação dos estudantes académicos e o início de uma tradição académica.

O segundo objeto de estudo é a revolta dos estudantes de 1968/1969, com a sua representação máxima a ser feita no jogo entre a Associação Académica de Coimbra e o Sport Lisboa e Benfica, na final da Taça de Portugal onde os estudantes quebraram todas proibições de forma a demonstrarem publicamente que se encontravam descontentes com o regime do Estado Novo e a forma como estes tratavam os desenvolvimentos dos estudantes universitários.

O terceiro objeto de estudo é o Incidente do Meco, de 2013, pela gravidade e dimensão mediática que atingiu. A forma como os meios de comunicação social expuseram este caso e a forma como a população em geral se dividiu em relação a este tema torna o mesmo num ponto impossível de deixar de lado quando se fala da tradição académica e a forma como os meios de comunicação social os expõe e geram diálogo sobre o assunto.

Para cada ponto temporal foram analisadas duas notícias e recortes de jornal distintas assim como passagens de obras sobre cada tema. A análise foi realizada por ordem cronológica e as notícias e recortes de jornal encontram-se em anexo.

Cada ponto temporal foi escolhido especificamente por ser um momento-chave da história nacional no que diz respeito a representação mediática das tradições académicas.

Esta seleção baseia-se especificamente em selecionar momentos onde, de forma mais positiva ou mais negativa, a luz da comunicação social incidiu sobre as tradições académicas e que de modo geral proporcionou informação suficiente para produzir uma possível mudança de opinião sobre este tema.

Como principal objetivo pretendeu-se verificar se a opinião mediática ainda reflete alguma relutância em relação às tradições académicas e se a interação direta ou indireta da comunicação social com as universidades fez com que as opiniões se alterassem.





## 5. Apresentação e Análise de Resultados

Neste ponto vamos focar-nos na análise de todos os acontecimentos de forma mais descritiva e analítica, de forma a conseguirmos chegar à resposta das várias perguntas sobre a ligação dos meios de comunicação social e as tradições académicas e de como esta ligação afetou ou não a perceção da sociedade sobre o tema.

Iniciando esta pesquisa é necessário situar o estudo no primeiro ponto chave delimitado metodologicamente.

### Os primeiros relatos mediatizados sobre a Tradição Académica

A Universidade de Coimbra foi fundada no ano de 1290. Já a primeira peça dita jornalística data ao ano de 1641, intitulada “A Gazeta da Restauração” pelo que a Universidade de Coimbra antecede a imprensa nacional por 351 anos. Ou seja, não existem fontes muito concretas quanto à primeira aparição da Universidade de Coimbra em manuscritos ou livros.

Apesar disso, é através da assinatura da *Scientiae thesaurus mirabilis* em 1290 por D. Dinis e mais tarde nesse ano reconhecida pelo Papa Nicolau IV, que a Universidade de Coimbra é oficialmente reconhecida como instituição pelo que consideraremos este documento como a primeira referência à Universidade.

A Universidade de Coimbra tinha os seus livros de estudos escritos à mão, por escribas, assim como todas as leis e regras adjacentes à Universidade até ao ano de 1530 onde seguindo os exemplos europeus, estabelece a primeira imprensa de livros universitários. Porém, a Coimbra chegou um pouco tarde uma vez que diversas Universidades europeias já tinham tipografia desde finais do século XV, o que pode explicar o porquê de D. João III querer apetrechar a Universidade de Coimbra com o máximo de tipografias e tipógrafos possível, de forma a competir com a difusão intelectual das restantes potências europeias.<sup>18</sup>

Era hábito naquele período firmarem-se contratos vitalícios, fazendo com que após a morte do impressor, as suas funções passassem a ter de ser desenvolvidas pela sua viúva ou por um dos seus descendentes. Graças a isso a Universidade de Coimbra manteve a produção constante o que levava a alguns lucros. Também por isso a Universidade pôde começar a apostar também no fomento de publicações, muitas das vezes emprestando dinheiro aos autores para eles realizarem as suas obras.

Nestes livros publicados usando a imprensa da Universidade de Coimbra são carimbadas as obras com um selo que atestava a produção a partir das máquinas da Universidade. Isto acaba por ser mais uma subtil referência à universidade.

Infelizmente, nesta fase que atravessamos (em plena crise COVID-19), é bastante difícil, para não dizer impossível ter acesso a obras tão antigas, uma vez que, caso elas ainda existam, estão na posse da Universidade de Coimbra e não estarão expostas ao público.

O primeiro documento a que foi possível ter acesso faz uma menção à Universidade de Coimbra data de 1769 e é um Diploma de Direito Canónico e Civil. Apesar de não ser uma fonte mediática, acaba por ser um documento de arquivo rico em informações sobre a realidade académica daquela época (Anexo B).

---

<sup>18</sup> *História da Imprensa da Universidade de Coimbra* disponível em [https://www.uc.pt/imprensa\\_uc/imprensa/historia](https://www.uc.pt/imprensa_uc/imprensa/historia)

O segundo documento, também não mediático e ligado a Coimbra é uma fotografia de um finalista, enviada como recordação a um colega e amigo após conclusão dos estudos. (Anexo C). Este documento data de 1880 e o ponto curioso sobre este documento é a contextualização do mesmo na sociedade portuguesa e mundial. Nos dias que correm este documento passaria mais do que despercebido devido à aceitação social e igualdade entre estudantes, tanto dentro do sistema social e como académico.

É de relembrar que a Abolição da Escravatura em Portugal foi decretada inicialmente em 1761, e posteriormente alastrando-se para todo o território português até 1869 existindo, no entanto, historiadores que apontam para datas posteriores devido a indícios de ainda existirem escravos perto de meados do século XX.<sup>19</sup> Esta fotografia pertencia a um jovem negro, muito provavelmente, da primeira geração de jovens negros livres a ingressar no ensino superior. É muito provável que este jovem tenha ainda nascido durante o período escravagista, tendo em conta a data da abolição geral da escravatura.

É a prova da evolução da sociedade portuguesa, ainda mais quando nos lembramos que a educação académica era muito restrita a níveis financeiros o que leva a crer que este jovem era, portanto de classe média alta. A partir do início do século XX, com a maior banalização e dinamização da imprensa pelo país começou a expandir-se a qualidade e quantidade de informação produzida.

## **Os Primeiros Relatos Mediatizados sobre os Estudantes de Coimbra**

Ganham força nesta altura as imprensas regionais, mais focadas em noticiar os acontecimentos de determinadas zonas e tal é o caso de Coimbra. Deste período de tempo tornou-se possível encontrar um pouco mais de variedade na coleção de recortes de jornais focados na vida em Coimbra e principalmente na vida académica.

Na publicação “Figuras da Academia de Coimbra” de 1908 (Anexo D) podemos ver uma coleção de informações sobre as ilustres figuras de poder dentro da Universidade de Coimbra. O autor começa então a descrever as figuras que para ele merecem especial atenção dentro da Universidade de Coimbra.

Toda a publicação é pareada entre texto e as diversas caricaturas ilustrativas sobre cada personagem referida pelo autor. A primeira referência que fazem é a de um grupo de rapazes, com ares bastante altivos, vestimentas imponentes com colarinhos reluzentes (Costa, 1908). Vendo a caricatura presente na mesma página podemos perceber que o autor se estava a referir a Baltazar Teixeira e os seus colegas, alunos do quinto ano jurídico.

Relembremos que o uso de traje não era obrigatório nesta altura, uma vez que era por muitos defendido como algo que era retrógrado e feito com materiais fracos, uma vez que até as vestes domingueiras dos camponeses aparentavam melhor qualidade. O traje académico era mal-amado pelos estudantes daquela época, gerando um relaxamento nos costumes que se moviam por movimentos irreverentes e contestatários dos alunos.

A 24 de Outubro de 1910, poucos dias após a implantação da primeira república foi decretado o uso facultativo de traje académico.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Soares Dina – *A última escrava portuguesa morreu em Lisboa nos anos 1930* disponível em <https://rr.sapo.pt/2017/03/25/pais/a-ultima-escrava-portuguesa-morreu-em-lisboa-nos-anos-1930/noticia/79112/>

<sup>20</sup> Decreto - Diário do Governo n.º 16/1910, Série I de 1910-10-24

Continuando com a descrição dos estudantes de quinto ano jurídico, Sousa Costa faz direta menção à falta do traje quando afirma “estes senhores dentro em pouco veem de casaca para a aula...” (Costa,1908) fazendo alusão direta ao que anteriormente foi referenciado.

Estas críticas continuam quando fazem uma metáfora insinuando que estes senhores faziam lembrar os visitantes entusiasmados que vagueiam por caminhos fáceis onde só existe maravilhas, e que não sabem nem nunca saberão a dor de um calo nas mãos. Fazendo referência direta aqueles cujo futuro ficou talhado pelas riquezas das famílias e não pelo fruto do seu trabalho e esforço. As críticas prosseguem quando se referem a estes jovens como serem “Ladeiras”.

Ladeiras era o nome calão, pelo que o autor indica, dado aos seminaristas, que recebiam títulos académicos sem terem qualquer vocação, sem qualquer talento e que apenas queriam dizer-se académicos e receberem um título nobiliárquico sem fazer nada que de exigente seja.

Estas duras críticas ao serem difundidas acabam por gerar a ideia de que muitos dos académicos desta altura não teriam esforço ou vocação para adquirirem um título académico e apenas o faziam por terem facilidades financeiras para tal. Apesar das críticas iniciais o autor faz referência a outro estudante. Ele intitula-o de Símbolo (Costa,1908). O Símbolo era para o autor o estudante exemplar. Magro, vestido de forma simples, mas vistoso, com a sua capa sobre os ombros e a pasta na mão. O autor afirmava que tal jovem simbolizava o verdadeiro letrado académico.

Numa extensa analogia sobre as desculpas dos estudantes para não abandonarem Coimbra, Costa acaba por concluir que de facto Coimbra acolhia tantos letrados que contá-los seria impossível, querendo com isto demonstrar de forma mais subtil o poder da Universidade de Coimbra em cativar e formar jovens estudantes. Sousa Costa logo em seguida introduz alunos a quem ele chama ursos, músicos, políticos e os dois cábulas.

Em algum momento o autor explica nitidamente que tipo de alunos são, fazendo apenas referências aos estilos de trabalho de cada um, sendo perceptível que todos são metáforas para os referir os cursos presentes na Universidade de Coimbra. Para o autor, os músicos (Costa,1908) eram aqueles que estudavam fianças, cálculo integral, dogmática e ontologia. Este tipo de alunos são, para o autor, aqueles que são ótimos a decorar as matérias e recitá-las sem falhas ou hesitações. No entanto, era uma figura apagada, que não chamava à atenção.

É perceptível que a crítica vá mais para além do estudante e pretende também criticar as áreas de estudo em que este se foca. Com a evolução nos estudos é inevitável que algumas disciplinas acabem por perder o interesse dos estudantes por serem áreas que não se desenvolveram mais e estagnaram, no entanto, o autor critica a permanência destas na Universidade, dando a entender que estas estavam a estagnar a progressão da instituição.

Passava-se então à descrição do Urso (Costa,1908). O autor apelida-os de bons falantes, com precisão das ideias e teorias expostas, sabendo de cor cada teoria e cada autor em detalhe. Apesar disto, era nas alturas chave em que se via atraído pelas próprias palavras, tentando defendendo com argumentos vagos, só ganhando debates contra aqueles que menos sabem. Por alguma razão o urso abstinha-se de comentar literatura, imaginação e fantasia levando a querer que esta analogia falava sobre as disciplinas de filosofia, que apenas debatem o real e não a fantasia, mas ao contrário da metáfora anterior não há forma de termos total certeza de que área se estava o autor a referir. Sousa Costa segue as metáforas partindo depois para a descrição do político (Costa,1908).

Ainda segundo o mesmo autor, o político não tinha originalidade e tinha dificuldade em manter-se entre a facciosidade e a razão, apesar de no fundo mostrar uma sinceridade ingénua que se vai perdendo.

Chegam então à descrição do Cábula (Costa, 1908). O autor faz questão de enaltecer, provavelmente em tom irónico, a figura do Cábula como uma verdadeira figura de extremo realce dentro das figuras da Universidade de Coimbra. Este cábula presente neste texto, não é de todo o cábula da era boémia e o autor faz referência a isso. Costa mostra-se saudosos em relação à vida boémia quando se refere à forma como agora a boémia foi ofuscada pelos municípios e vive exilada nos poucos que cismam em mantê-la viva (Costa, 1908).

Com isto o autor critica a forma como as regras proibiram a vida boémia com era anteriormente, fazendo os estudantes boémios ceder às leis da cidade por se encontrarem em minoria. Refere também a melancolia e tristeza da vida boémia em cantigas pela cidade, antes desta ter partido. O autor refere ainda que existe a probabilidade de a boémia desaparecer para sempre e que após isso o Cábula tornar-se-á banal e desaparecerá também, por força de ativismos anti cábula ou por ter singrado noutros lados. Aqui percebemos que o cábula é uma metáfora literal aos alunos que copiam nos seus trabalhos e exames académicos.

Tal como aqueles que viviam uma vida cheia e de boémia enquanto alunos, ao sair da Universidade tinham a opção de continuar ou não na vida boémia ou seguir uma vida normal, desprovida de festas e álcool, os alunos intitulados de cábulas tinham a opção de largar ou não estas facetas após a sua saída académica. No entanto, tal como a vida boémia se viu forçada a diminuir a sua presença em meio académico, os cábulas também começaram a ver a pressão e movimentos anti cábula tomarem caminho sobre eles, levando-os à sua eventual diminuição ou desaparecimento. Ao chegarmos ao fim do texto podemos depreender que a Academia em 1908 já apresentava alguns problemas em relação a diversos temas, como era espectável.

O autor serve-se da ironia e das metáforas para ir falando das coisas que de mal se passavam na Universidade de Coimbra. Podemos também perceber que, inicialmente, Costa não tinha qualquer simpatia ou empatia para com os estudantes a quem ele chamava Ladeiras.

Para o autor estes estudantes eram o pior tipo de estudantes que podiam ter na Universidade de Coimbra uma vez que se iriam formar sem terem qualquer tipo de esforço e que mais tarde acabariam por ter um cargo de poder sem terem capacidades ou aptidões para o exercer. Os Ladeiras são para o autor a epitome do pior estudante, aquele que só chega ao topo por ter acesso a dinheiro que não proveio de mérito próprio. Tal como diz, são aqueles que seguem caminhos fáceis por não saberem o que é terem calos nas mãos.

Estas duras críticas iniciais acabam por ser cimentadas quando nos apercebemos que até ao aparecimento de mais institutos universitários pelo país, o acesso às universidades era quase todo concedido apenas aqueles que faziam parte das elites nacionais, devido aos elevados custos. O único ponto de crítica positiva aparece quando Sousa Costa menciona o estudante exemplar, o Símbolo.

De todos os estudantes apresentados nas diversas páginas do texto, o Símbolo era o único que se apresentava de capa aos ombros e pasta na mão, modestamente vestido apesar de bem vestido. O estudante exemplar, para Costa, parece ser o estudante que se mantém fiel às origens das tradições académicas, fazendo-se acompanhar pela capa, algo que era bastante contestado e um pouco esquecido devido ao relaxamento dos costumes.

Para além disso, a saudade e até certo ponto, o saudosismo do autor sobre a vida boémia leva a querer que este aluno exemplar, ao manter a tradição académica viva teria também continuado na boémia, já que esta era tão importante no passado, tal como o uso da capa. Apesar disso, o estudante exemplar, o Símbolo, apresentava todos os sinais de uma família de valores e posses, desde a forma como andava e se vestia, até à forma como se penteava e usava o seu monóculo.

O que difere este estudante dos Ladeiras aparenta ser a forma mais humilde como este aborda a vida académica, pela forma como se dedica às tradições e pelo seu apego ao estudo

em vez de só à boémia. Os músicos são uma clara alusão a todas as disciplinas que já ultrapassaram o seu prazo de validade dentro da Universidade de Coimbra, aos olhos do autor. Costa descreve-os como lineares e desinteressantes, dando a entender que já naquela época aquelas disciplinas começavam a cair em desuso e o geral desinteresse delas deveria ser prova que estas deveriam ser excluídas da Universidade.

Já quando o autor fala dos ursos acaba por não os considerar desinteressantes, mas apenas presos a uma realidade deles, não entrando em vertentes como a criatividade, imaginação e ficção e apenas argumentarem com quem sabe menos do que eles. Isto leva a crer que se trata diretamente de uma crítica ao estudo da filosofia, que se foca em estudar o real, o palpável, o certo e que não evolui ou expande os seus horizontes. No entanto, devido à falta de factos que confirmem o mesmo, não afirmarei ao certo a vítima da crítica de Costa.

Sousa Costa prossegue as críticas com a crítica mais curta de todas, dirigida aos estudantes de direito. O autor refere-se aos políticos como estudantes que não eram criativos e que estavam numa linha muito curta entre ser facciosos e ser verdadeiros. Esta crítica era também dirigida aqueles cujos futuros alheios deles dependiam e que muitas vezes tomaram a decisão errada. Costa rebate no final com um pequeno elogio onde diz que no fundo os políticos são ingénuos, mas sinceros, mas que apesar de tudo, no fim as escolhas que tomam levam-nos à corrupção e facciosidade ou os revelam como justos.

O último ponto do texto é aquele que mais ironia e sarcasmo apresenta, uma vez que fala sobre os alunos que copiam e falcatruam durante os exames. Os cábulas são para o autor como uma espécie em extinção, tal como a boémia. Ambos estão a desaparecer devido às regras duras da sociedade como diz Costa, que obrigou a boémia a exilar-se e que levará os cábulas ao seu desaparecimento.

Apesar de ser bastante saudoso quando fala sobre a vida boémia, é perceptível que no tema de cábulas, o autor usa alguma ironia e humor. Descreve a facilidade como muitos que estão na universidade a ler jornais e a passar apenas o tempo, mas assim que chegam aos exames conseguem sempre passar. A extinção dos cábulas nunca se veio a confirmar, apesar de que as regras anti cábula tenham feito o mesmo que as regras municipais fizeram à boémia, reduzi-la ao máximo.

Estes relatos do autor revelam uma Universidade bastante diversa, com estudantes de todos os estilos, mas que eram bem vistos em sociedade, uma vez que tal como Sousa Costa referiu, cada vez mais a Universidade de Coimbra acolhia mais e mais jovens estudantes.

## **As Novas Universidades fora de Coimbra e o Estado Novo**

Com o passar dos anos esta visão sobre a vida académica e sobre os seus rituais acabaram por se espalhar a Lisboa e Porto onde foram criadas duas novas Universidades. Nestas universidades, tal como em Coimbra, foram criadas festas de índole académico assim como a importação e modificação de um código de praxe, as tunas e o traje académico.

Começa assim o primeiro período de regionalização das tradições académicas.

Em 1923 dá-se a primeira cerimónia da queima das fitas em Lisboa (Anexo E), tradição que se mantém até aos dias de hoje. Assim se começam a marcar em Lisboa e no Porto novas realidades em relação às tradições académicas. Contudo, anos mais tarde surge em Portugal o regime ditatorial a que se deu o nome de Estado Novo, encabeçado por António de Oliveira Salazar.

Foi um período repleto de mudanças, principalmente quando as liberdades dos cidadãos começaram a ser comprometidas com a presença constante da PIDE – Polícia Internacional

Para a Defesa do Estado. Sendo a PIDE uma polícia para a defesa do estado, tudo aquilo que pudesse interferir com os planos e alinhamentos do Estado Novo acabava por ser banido e no caso dos jornais e programas de rádio, censurados. Pior do que isso, no entanto, era o constante controlo nas universidades (Vulter, 2017).

Como já anteriormente referido, a PIDE mostrava-se presente em todo o território nacional, contando não só como agentes a tempo inteiro como milhares de informadores civis que agiam em anonimato ou em segredo. Isto dava uma abertura para que qualquer cidadão pudesse de forma anónima expor inimigos do estado. Com ou sem denúncias as universidades eram constantemente vigiadas para que não se irrompesse uma rebelião estudantil contra o regime. Foram várias as tentativas de insurreição dos contra o Regime, mas todas elas falharam.

Os estudantes estavam descontentes com a forma como o regime tomava conta do que podia ou não ser estudado em Portugal. Esse mesmo descontentamento apenas foi crescendo o que acabou constantemente por ir servindo de combustível para as tentativas de insurreição futuras.

## **A Revolta dos Estudantes**

Chegando à década de 60, os estudantes estavam cada vez mais descontentes e o Estado Novo cada vez mais receoso de um golpe de estado. Este controlo da ditadura sobre os estudantes era algo comum na Europa, onde vários países se encontravam sobre regimes fascistas.

Países como Itália, Espanha, Alemanha e Portugal eram todos presididos por líderes fascistas, o que criava uma união muito forte dentro da Europa debaixo do mesmo regime. Para além do controlo académico, Portugal sofria também com um conservadorismo típico do regime, mas com algumas semelhanças daquele vivido em França.

Em maio de 1968 (Castoriadis, Lefort e Morin, 2008) vários grupos de estudantes universitários franceses saíram à rua em protesto contra o controlo do estado sobre os estudantes, a opressão sexual e a necessidade da ampliação dos direitos civis. Os estudantes queriam o fim do regime ultraconservador do presidente Charles de Gaulle e este não conseguiu defender o seu regime dos ataques e exigências criadas pelos estudantes. A forma como os estudantes franceses continuaram a insistir com estes protestos levou a uma adesão em massa na exigência de eleições gerais ao mesmo tempo que exigiam a renúncia do presidente.

De Gaulle, temeroso, criou um cerco policial na cidade de Paris, criando confrontos de extrema violência entre as forças policiais e os manifestantes. As manifestações tomaram outras proporções quando cerca de 9 milhões de trabalhadores se recusou a trabalhar, exigindo melhores condições laborais. Pode dizer-se que este foi o ponto de viragem. De Gaulle não viu outra opção sem ser ceder às exigências. Decretou um aumento de 35% aos salários mínimos e finalmente convocou as eleições legislativas.

Apesar de tudo, nas eleições convocadas pelo governo francês, o partido de Gaulle ganha ainda com uma larga maioria. Os protestos caem por terra, mas os ideais mantiveram-se firmes. De Gaulle acaba por perder em 1969 o referendo sobre a reforma do senado e a regionalização e acaba por se retirar do cargo.

Em Portugal os estudantes viram este movimento como um rastilho para o crescente descontentamento académico. A 17 de Abril de 1969 tomou lugar o início da maior luta dos estudantes contra o Estado Novo.

Nesse preciso dia foi inaugurado o Departamento de Matemática na Universidade de Coimbra. Presença habitual nas inaugurações, Américo Thomaz acompanhado pelo Ministro da Cultura José Hermano Saraiva, procedeu à cerimónia de inauguração. Mesmo antes de chegar ao interior da Universidade de Coimbra, Thomaz foi recebido por um vasto grupo de estudantes trajados munidos de cartazes em protesto.

Com medo de qualquer tipo de ataque estudantil, Américo Thomaz discursou para um pequeno e grupo na sala 17 de Abril enquanto os estudantes viram entredita a sua presença. Após o fim do discurso de Thomaz, o presidente da Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Alberto Martins, sobe para uma cadeira e pede a palavra ao presidente, em nome dos estudantes (Campos, 2009). Foi-lhe negada a palavra e pouco depois Thomaz dá como terminada a sessão.

Era a pequena chama que os estudantes precisavam para iniciar a revolta. Nesse mesmo dia Alberto Martins foi preso e no dia 22 de Abril foi a derradeira gota de água quando oito estudantes foram suspensos e proibidos de assistir às aulas. Nesse exato momento foi declarado o Luto Académico pelas mãos da Assembleia Magna (Cruzeiro, 1989) e as aulas foram todas substituídas por debates.

Como seria de esperar, o Governo viu este movimento como algo rebelde, a roçar a anarquia, o que não só os deixava descontentes com a situação como também os deixava com medo de uma manifestação de proporções semelhantes às de França. Aqui entra a chave de ouro do regime do Estado Novo, a censura. Em 1969 ainda reinava em Portugal a radio e a imprensa, apesar de já existir televisão desde 1956, mas ainda não existia muita população com acesso a elas. Como tal, a censura estava presente principalmente na imprensa. Tudo o que fosse do desagrado dos interesses do estado era censurado e proibido de ser dito ou publicado (Garcia; Alves e Leonard, 2017). Apesar disso, o Diário de Coimbra conseguiu relatar várias vezes os acontecimentos revoltosos dos estudantes usando figuras de estilo para evitar a censura da PIDE. A Associação Académica de Coimbra lança uma carta intitulada “Carta à Nação” onde pede um país novo, para se poder ter uma universidade nova (Cruzeiro, 1989). Nessa mesma carta, a Associação Académica propõe o boicote aos exames, o que era uma afronta direta ao estado uma vez que estava estipulado que apenas tinham dispensa militar aqueles que estivessem ativamente na vida académica.

Ao reprovarem deliberadamente, os estudantes iam acabar por ser chamados a combater em Africa, mas já era sabido que o que iriam fazer certamente era nada mais do que um boicote militar, o que poria em risco a sobrevivência do regime. Menos de 200 estudantes disseram que iriam realizar os exames, existindo mais de 5000 alunos que declaravam abertamente o boicote. No entanto, a Academia acabou por se ver dividida.

Muitos alunos chegaram ao primeiro dia de greve, diretamente coincidente com o primeiro exame, acompanhados pelos pais, muitos deles forçados a realizar as provas. Tinha-se criado então a ala dos grevistas e a ala dos fura-greves. Muitos tinham medo das consequências da greve e realizaram os exames. Durante todo o período de exames os estudantes mostraram-se revoltados e protestavam pela cidade de Coimbra. No último dia de exames foi feito o balanço da greve. O boicote tinha tido adesão de praticamente 90% dos estudantes. Como forma de retaliação, o grupo dos fura-greves viu a sua cara exposta por toda a cidade, em cartazes onde estavam os intitulados traidores. Apesar disso, o maior momento da revolta dos estudantes estava ainda para vir.



## **A Final da Taça de Portugal de 1969**

Após a vitória frente ao Sporting Clube de Portugal, a Associação Académica de Coimbra enchia Lisboa para a antecipada final da taça de Portugal frente ao Sport Lisboa e Benfica. A cidade encheu-se de Capas Negras e cartazes de protesto.

Os jornais já noticiavam a chegada da AAC á final da Taça de Portugal como algo que não estava esperado, algo que de certa forma causava desconforto ao regime, um autêntico “galo”. (Anexo F). No meio de um confronto direto com o regime, ninguém esperou que a equipa dos estudantes conseguisse chegar tão longe.

Receoso sobre um golpe de estado, Américo Thomaz não esteve presente no estádio da final, deixando a tribuna presidencial completamente vazia. O aparato policial á porta do estádio era prova disso mesmo. Ao contrário do que já era habitual, o jogo não foi televisionado, o que serve para mostrar o receio de Américo Thomaz em ser alvo de boicote ou ataque por parte dos estudantes. Quem esperou ver o jogo como já era hábito percebeu que algo se passava para não existir transmissão, mas a força do regime arranjava desculpas para o sucedido. Os jogadores entraram em campo com as capas pelas costas em sinal claro de luto e algumas tarjas também foram expostas no estádio. Apesar de todo o esforço, os estudantes saíram derrotados do jogo e o movimento académico não foi além de uma alavanca para a revolução de 1974. Muitos dos estudantes que boicotaram os exames acabaram mesmo por ir servir para a guerra, tal como esperado.

Os recortes de jornal deste período e que abordem este tema são muito ténues devido à mão da censura. No entanto, tal como o jogo de palavras do recorte presente em Anexo, mais jornais deram a entender o descontentamento e medo do regime para com os estudantes. Maior prova disso é o facto de Américo Thomaz enquanto chefe de estado não comparecer à final do jogo, aumentar a carga policial no estádio e não permitir a emissão do jogo em televisão.

Em termos de retrato mediático, pegamos nos relatos sobre a forma como o Diário de Coimbra retratava os acontecimentos usando figuras de estilo para camuflar as verdadeiras intenções do texto, para podermos perceber que mesmo ilegalmente e com o risco de serem presos pela PIDE, muitos jornalistas estavam de acordo com os estudantes. Apesar de não ter tido o apoio público que o movimento de 1968 em França, temos de nos lembrar que Portugal vivia sobre um regime de ditadura fascista, enquanto que em França era uma democracia conservadora.

A opressão por parte do estado e o medo que a população tinha das represálias vindas da PIDE foram parte da chave do insucesso do movimento dos estudantes, mas a forma como a população via os estudantes era completamente positiva, uma vez que estes lutaram pela liberdade de Portugal, tal como o Movimento das Forças Armadas fez em 1974 e os populares apoiaram por completo. Outra prova disso foi a escolha do dia 24 de Março para ser o dia do estudante académico, escolhido para homenagear os estudantes que lutaram pela liberdade.

Após a queda do Estado Novo, Portugal entra num período de reconstrução e são tomados novos rumos para a evolução. Parte desses novos rumos passava pela criação e implementação de novos estabelecimentos de ensino académico.

## A Praxe pós Expansão Universitária

Estas mudanças começam a surgir durante o governo de Mário Soares, onde foram feitas legislações que abrangiam estas mudanças nas universidades (Torgal, 2015). No seguimento das criações de politécnicos e institutos particulares, Portugal pretende colocar os seus modelos de ensino a par dos restantes modelos europeus e mundiais numa tentativa de acompanhar o processo global (Torgal, 2015). É neste novo boom académico que termina o luto académico e regressa a Praxe, o uso do Traje e as Tunas.

As Tradições Académicas tal como as conhecemos proveem deste período de expansão. No entanto, durante os largos anos onde a tradição académica permaneceu inativa muito se perdeu sobre o significado dos costumes e compreensão da tradição pois a linhagem de conhecimento foi quebrada nesse período (Torgal, 2015).

Foram então criados códigos de praxe novos, inclusive para a Universidade de Coimbra, mantendo-se mesmo assim como a que ainda mais se assemelha ao código original. O não entendimento da tradição e a criação de novos parâmetros do que era a Praxe levou a que se comesçassem a deturpar os ideais de integração inicialmente criados. Em 2003 uma estudante pertencente à Escola Superior de Saúde de Macedo de Cavaleiros escreveu uma carta pública onde expos a violência a que foi exposta durante a realização de uma atividade de Praxe.

Esta carta correu todos os meios de comunicação social e acabou mesmo por ser recebida pelo Presidente da República Jorge Sampaio e pelo Ministro da Educação José Faustino. O impacto desta carta foi enorme, fazendo que outros jovens comesçassem a partilhar histórias semelhantes.

Em pouco tempo a televisão e os jornais começaram a distribuir este tipo de histórias de forma recorrente. Começou a tornar-se como uma caça à Praxe Abusiva por parte da comunicação social. O que não abonava em favor da praxe era o facto de apenas os casos de praxe abusiva serem noticiados, mas nunca os casos de praxe normal ou de praxe solidária ou positiva. Começa também nesta altura a criar-se algum desagrado e sanção social em relação à praxe. Surgem então os grupos anti-praxe que vigoram até hoje. São eles o M.A.T.A e o Antípodas. Neste mesmo período de tempo, o jornal Público abria um espaço para o debate sobre a temática da praxe onde os leitores podiam enviar as suas opiniões.

Apesar de existir algumas mensagens positivas sobre a praxe e até outras mais neutras, surgiram inúmeras mensagens de ódio e repúdio sobre a praxe. Um “leitor” refere-se à praxe como “rituais de imbecilidade”, aos “fatos académicos tão tradicionais quanto ridículos” e “atrasados mentais”.<sup>21</sup> Face às crescentes críticas, muitas das universidades começam a demarcar-se da praxe, estabelecendo os órgãos da praxe como independentes da universidade.

---

<sup>21</sup> Santiago, Rodrigo (2013) – *Fui absolvido pelos julgadores, uma plêiade de atrasados mentais* disponível em <https://acervo.publico.pt/multimedia/a-experiencia-da-praxe>

## A Tragédia do Meco e as suas Repercussões

Ao longo dos anos continuaram a existir mais casos de denúncias sobre casos de praxe abusiva e até de diversos acidentes e mortes acidentais durante a realização de atividades de praxe, mas nada foi tão negro para esta parte da tradição académica como a Tragédia do Meco em 2013. Atualmente, quando se fala em praxe, é quase certo que os primeiros comentários sejam sobre a tragédia do Meco.

Mesmo quem não está dentro da vida universitária sabe que pelo menos a tragédia do Meco está relacionada direta ou indiretamente com a Praxe. Este é o ponto de viragem quase completa no que toca à opinião pública sobre as tradições académicas. Se até agora as opiniões foram minimamente positivas, mesmo durante os incidentes e exposições públicas de praxe abusiva no início do século XXI, esta tragédia irá tornar tudo mais negativo.

Começando pelo incidente em si e os detalhes partilhados pela comunicação social ficamos a saber várias coisas. A primeira delas é que eram jovens, estudantes universitários e que estavam trajados.

A partir desse momento a comunicação social começa uma onda de especulações sobre as causas do acidente e a primeira delas é “Foi Praxe”. A opinião pública segue de perto o acontecimento até porque o caso se tornou notícia de atualização diária e de debate constante. Em 2013 o mercado da informação online estava em evidente crescimento e como tal maioria das fontes sobre este assunto são versões digitais dos jornais ou mesmo páginas web especificamente dedicadas a notícias, como a SIC Notícias Online ou a TVI online.

Nestes websites as notícias são atualizadas enumeras vezes por dia e os destaques permanecem na primeira página. Durante as buscas pelos corpos dos estudantes todos os noticiários e jornais online especulavam sobre a praxe. Isto criou uma onda de repúdio ainda superior aquela de 2003.

Após esta tragédia a mudança de opinião popular sobre a temática das Tradições Académicas, em especial sobre a Praxe mudou drasticamente. A constante mediatização do caso, principalmente durante as semanas iniciais deteve um papel bastante forte nestas mudanças. Para alavancar mais as mudanças da opinião pública, foram tomadas algumas liberdades jornalísticas que permitiram que acusações e julgamentos morais sobre os acontecimentos fossem feitos. Pairaram durante semanas diversas acusações e julgamentos sociais que apontavam estas tragédias como sendo provenientes de atividades de Praxe.

Num mundo constantemente ligado através das enumeras vias da comunicação social é impossível não sermos influenciados por este tipo de informação, principalmente quando todos os meios de comunicação social o fazem em conjunto e a toda a hora. Chegou-se a um ponto em que os estímulos negativos da informação transmitida quase que se assimilaram naturalmente o que levou claro, à criação dos falsos julgamentos.

Este efeito negativo prevaleceu mesmo depois de se ter descoberto que o que aconteceu na praia do Meco não foi proveniente de uma atividade de Praxe, mas sim um ritual específico daquele grupo.<sup>22</sup> Os meios de comunicação social têm o poder de toldar mentalidades, tal como tínhamos concluído logo após o primeiro capítulo.

Seja de forma positiva ou negativa, a influência social tida pelos *media* acaba por conseguir construir uma realidade por vezes paralela aos verdadeiros factos em questão como acabou por se provar semanas depois destas mesmas acusações.

---

<sup>22</sup> Franco, Hugo (2014) - *Afinal não houve Praxe no Meco* disponível em <https://expresso.pt/sociedade/afinal-nao-houve-praxe-na-praia-do-meco=f883068>

Apesar dos meios de comunicação social, de forma geral, terem reconhecido o erro cometido, a sobre-exposição mediática deste caso acabou por tornar os primeiros julgamentos sobre os acontecimentos algo bastante persistente. As universidades começaram a demarcar-se da praxe o mais possível, começando a proibir as atividades de praxe dentro das suas instalações. Em 2018 já um terço das universidades se tinha demarcado daquilo que um dia foi sinal de orgulho de qualquer instituição.<sup>23</sup>

A Praxe e as restantes Tradições Académicas passavam nesta altura momentos bastante conturbados, tanto internamente com a retirada de apoio por parte das reitorias das universidades e institutos superiores, como a nível social, uma vez que eram constantes os julgamentos tidos via online ou direta, na rua. Como em qualquer tipo de caso que mediaticamente se torna viral, surgem sempre as diversas teorias sociais sobre os acontecimentos. Comprovam isto as diversas teorias, algumas delas jornalísticas, que diziam existir provas que alegadamente suportariam a ideia de que teria realmente sido a Praxe a vitimar aqueles jovens.<sup>24</sup>

A Tragédia do Meco coincidiu também com a gravação do documentário *Praxis* (Cabral, 2012). Neste documentário o autor pretendeu expor apenas o pior que há para ver em relação à Praxe Académica, tornando-o assim um pouco tendencioso e imparcial uma vez que apenas foram filmados os superiores hierárquicos aos Gritos com os caloiros, alguns jovens a terem desmaios devido à fraqueza, diversos atos sexuais simulados, jovens a rebolar na lama e na terra enquanto outros manuseavam estrume e vômito.

Quem não esteve exposto à realidade da Praxe tirava deste documentário uma ideia e fomentaria uma opinião que em tudo condenaria as Tradições Académicas. Tendo a exposição do filme coincido com a Tragédia do Meco acabou por provocar uma maior onda de descontentamento por parte da opinião pública. O caso esporádico e singular que aconteceu no Meco acabou por tornar as outras universidades alvo de escrutínio mediático e interno de forma a assegurar o fim de qualquer acontecimento semelhante.

O mediatismo deste caso levou a que os órgãos que coordenam a Praxe em cada Universidade e Instituto tivessem de redigir novos códigos de praxe focados exatamente na punição de qualquer ato de praxe abusiva. Para além disso foram feitos diversos convites à comunicação social para irem assistir às novas atividades de praxe dos diversos polos universitários. Foi a melhor oportunidade para começar a limpar o nome da Praxe, e criar uma nova realidade para os estudantes futuros com o início das iniciativas que davam a conhecer as atividades de praxe solidárias que por outro lado começaram também a ter algum mediatismo.<sup>25</sup> São momentos onde os jovens estudantes se sentem descontraídos ao mesmo tempo que criam um sentido cívico em ajudar o próximo enquanto se vão conhecendo entre si, ou assim pretendem os defensores da praxe que a imagem passe.

Estas atividades de praxe solidárias vieram iniciar um processo de reconstrução opinativa que levará o seu tempo, mas mantendo o ritmo atual, não tardará muitos anos até a Praxe voltar a ser algo popularmente aceite de novo.

---

<sup>23</sup> Silva, Samuel (2018) – *Mais de um terço das instituições de ensino proíbe a praxe* disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/sociedade/noticia/metade-universidades-aceita-praxes-instalacoes-1854000>

<sup>24</sup> Leal, Ana (2014) – *Meco: As provas que apontam para ritual de praxe* disponível em <https://tvi24.iol.pt/sociedade/videos/meco-as-provas-que-apontam-para-ritual-de-praxe>

<sup>25</sup> Filol, Joana (2015) – *Da teoria à praxe: as práticas de que a malta gosta* disponível em <https://www.jn.pt/nacional/da-teoria-a-praxe-as-praticas-de-que-a-malta-gosta-4796541.html>

Com todo este esforço das universidades a praxe começou um longo processo de reestruturação tanto dos seus modos antigos de praxar como a forma como se expressam. O número de casos de denúncias tem vindo a baixar desde 2016 <sup>26</sup> devido a este constante esforço em melhorar para dar uma praxe melhor aos novos alunos.

Apesar de todo este esforço a Praxe de “limpeza de imagem”, mutis continuam a criticar as atividades ligadas a praxes, quem a julgue e quem faça de tudo para que não exista. Enquanto os meios de comunicação social se tentam redimir aos poucos e visitam universidades todos anos, expõe as atividades de praxe solidária e até vão falar com os novos alunos para saber o quão entusiasmados eles estão por entrar no ensino superior, há quem coloque a Praxe no mesmo patamar, ou pior do que da atual pandemia. <sup>27</sup>

Apesar de a Praxe e as Tradições Académicas terem, ao longo dos anos, mantido alguns problemas como o abuso de poder por parte de alguns intervenientes, que em algumas situações se excedem ou abusam do seu estatuto para humilhar ou ferir algum caloiro, é de relembrar que em nada se podem comparar ao constante esforço para colmatar exatamente esses erros do seu passado. Torna-se obvio que um acontecimento como o que decorreu no Meco nunca será apagado da história da academia, mas o seu peso e conotação negativa poderão desaparecer se os esforços certos continuarem a transformar a praxe em algo socialmente aceitável outra vez.

No fundo é fácil de entender as diversas razões que transformaram a Tragédia do Meco num evento mediático.

Era um caso raro que envolvia não só jovens, mas principalmente jovens académicos que se encontravam trajados, na praia.

Para além disso existe o facto de a Praxe ser algo fácil de culpar principalmente depois dos largos números de casos reportados de praxe abusiva que eram desde 2003 alvos de maior escrutínio social e mediático, o que poderia ser prova de mais um acontecimento semelhante. O facto de existirem rumores e comentários de moradores da zona sobre um ritual idêntico ao de uma ceita, realizado pelos jovens depois de as autoridades terem encontrado um pequeno pinheiro e um livro de Fernando Pessoa junto das coisas dos jovens.

Por fim também não ajudou o facto de o jornalismo online estar a ganhar força assim como as redes sociais. As partilhas sobre notícias sobre este caso tornaram o caso viral até se chegar ao ponto de criar desinformação sobre o assunto. Os esforços das universidades em reerguer a Praxe e das Tradições Académicas é um dos pontos positivos a retirar quando falamos sobre as repercussões desta tragédia.

Outro ponto que pode ter contribuído para uma melhor aceitação das tradições académicas está nas mãos das tunas, que como foi referido no início, estão cada vez mais presentes na comunicação social, a expor cada vez mais a tradição da tuna e a tradição académica no geral ao participarem em programas culturais e de entretenimento.

---

<sup>26</sup> Correio da Manhã (2016) - *Baixaram as Queixas por Praxes Abusivas* disponível em <https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/baixaram-as-queixas-por-praxes-abusivas>

<sup>27</sup> Marques, Pedro Nuno (2020) - *Será a praxe pior que a pandemia?* Disponível em <https://observador.pt/opiniao/sera-a-praxe-pior-do-que-a-pandemia/>

## 6. Notas Conclusivas

Chegamos à parte final onde é feito um apanhado geral da investigação e se tenta perceber a evolução da mediatização das tradições académicas em Portugal tendo também em atenção os contextos históricos e sociais em que se inserem.

Inicialmente, na preparação até à realização deste trabalho, o objetivo em mente algo simples e conciso, mas à medida que se foi mergulhando nos temas é fácil perceber que na realidade o trabalho se estava a tornar cada vez mais complexo.

Apesar disso o objetivo passou a ser tocar em cada tema, sendo por vezes de forma mais subtil pois tornar-se ia impossível entrar-se de forma bastante detalhada em cada um deles uma vez que a temática das Tradições Académicas em Portugal é bastante vasta. Tomou-se então como opção deixar a temática das tunas um pouco de lado, pois a complexidade e história da tuna é bastante vasta e capaz de servir sozinha como um tema de uma dissertação de mestrado. No entanto é importante ressaltar que a Tuna é parte da tradição académica e como tal, sempre que são referidas as tradições académicas no geral, a tuna estará incluída. Parte da vida de Coimbra e posteriormente do resto do país, as tunas têm uma ligação forte ao fado, à melancolia e à noite. Melancolia, noite e fado são quase sempre sinónimos de boémia e como tal também se revê a tuna em todas as referências boémias dos diversos textos aqui expostos.

Tal como aconteceu com a Praxe, as Tunas tiveram os seus altos e baixos ao longo da história, estando neste momento a revitalizarem as tradições académicas aos olhos da comunicação social, com imensas participações, seja em novelas como em programas de entretenimento ao fim de semana.

Como já ficou bem visível nesta dissertação de mestrado, a comunicação social tem um papel fulcral na vida da sociedade contemporânea e a Construção desta realidade através dos *média* é algo cada vez mais abrangente e cada vez mais comum. As teorias do *gatekeeping* e do *Agenda Setting* por mais que tenham sido escritas no século XX acabam por se manter relevantes uma vez que os meios de comunicação social estão mais presentes no quotidiano da população e de forma cada vez mais subtil, passando desde os meios de comunicação tradicionais, até aos meios de comunicação digitais.

A imprensa continua, apesar de tudo, a fazer parte do quotidiano de milhares de pessoas mesmo depois de teóricos terem previsto que o mercado online poria fim à imprensa. Tal não se provou verdade uma vez que a imprensa conseguiu adaptar-se e na maioria dos casos, produzir modelos híbridos de negócio. Já a rádio manteve-se quase intacta ao longo dos anos em muito graças ao mercado automóvel e às rotinas das manhãs e noites dos portugueses, para além da constante evolução que as rádios também desenvolveram para acomodar as novas necessidades da sociedade. É bastante comum hoje em dia diversos programas das rádios serem também transmitidos em formato de *streaming* seja apenas com a transmissão do áudio seja também em formato com imagem. Com o aparecimento dos *podcasts*, as rubricas das rádios passaram a ser também elas gravadas e distribuídas no mesmo formato. Para além disso a rádio também ganhou um formato especial na internet, em especial quando se está a falar de uma rubrica especial ou de uma entrevista.

O formato que antes estava restrito à televisão hoje pode pertencer a qualquer meio de comunicação social, já que a imagem em movimento deixou de ser um exclusivo e como tal, é um plano de sucesso para quem souber usufruir dele. Apesar de ter perdido alguma audiência graças aos serviços de *streaming*, a televisão mantém-se líder de entretenimento e informação em Portugal. Com cada vez mais canais de televisão disponíveis, as operadoras e distribuidoras de televisão acabam por conseguir concorrer com os serviços de entretenimento online.

Onde se nota a maior diferença entre a televisão e a internet é na busca por informação. Como está no Anexo A, os portugueses continuam a confiar mais na televisão e na rádio no que diz respeito ao acesso a conteúdo informativo de qualidade. Na era da internet é imperativo saber reconhecer a diferença entre uma notícia verdadeira e uma notícia falsa ou uma notícia fabricada.

Muitas vezes uma notícia falsa consegue tomar proporções virais após terem sido partilhadas por aqueles que não sabem distinguir os conteúdos noticiosos dos conteúdos falsos. Servem para isso websites como o “Poligrafo” e a sua adaptação à televisão, “Poligrafo SIC”.

Apesar destas questões, que são de enorme importância, a internet tornou-se a forma mais cómoda de comunicar e de consumir e produzir conteúdos informativos. A partir de um telemóvel ou computador podemos ligar-nos a uma rede infinita de informações que nos permitem ter acesso a todo o tipo de informações, novidades, notícias e até mesmo fazer compras, ao mesmo tempo em que conseguimos criar conteúdo mediático usando exatamente o mesmo método. Ligar a câmara, o microfone ou simplesmente escrever algo e publicar o resultado na internet.

Nas gerações mais novas também se tornou possível fazer uma transmissão em direto a partir do nosso telemóvel ou computador e mesmo as gerações mais antigas estão a adaptar-se, rapidamente, a esta realidade de comunicação.

Vindas da internet, as redes sociais são a forma mais cómoda e avançada de manter contacto com alguém ao mesmo tempo que se cria uma imagem virtual nossa. Os nossos gostos, os nossos pensamentos, memórias, fotografias, vídeos, tudo fica disponível nas nossas redes sociais. Isto serve para demonstrar que a teoria da aldeia global (McLuhan, 1989) começou ainda no século XX com o uso dos telefones e a invenção da televisão. Hoje em dia a internet conecta todo o mundo, à distância de um clique

Se há algo a interiorizar sobre as teorias aqui expostas é que a informação que nos chega é apenas aquela a que aceitamos ser expostas. Um exemplo muito concreto e muito transparente disso é o caso das estações televisivas nos Estados Unidos da América. Principalmente sendo algo impensável em Portugal, estas estações de televisão não só revelam as suas ideologias políticas como distorcem totalmente os factos de forma a que o seu partido nunca pareça mal em televisão.

Tendo isto em conta, analisar estes documentos requer exatamente a mesma atenção de forma a manter sempre a imparcialidade. A iniciar a pesquisa sobre as tradições académicas tornou-se imperativo procurar estruturar de forma cuidada três pontos de referência que pudessem de alguma forma sustentar a ideia de que a opinião pública sobre as tradições académicas sofreu algumas mudanças entre estes três pontos.

A primeira base seria definida pelos primeiros relatos sobre a tradição académica, os primeiros estudantes, a Universidade de Coimbra. De forma inocente ficou este ponto delineado, mas de forma mais ou menos incrédula era rara a informação sobre estes inícios. Encontrar ficheiros de 1305 foi impossível pelo que teve de se optar por estudos e livros para obter as primeiras bases sobre esta mesma temática. Apesar da dificuldade inicial podemos concluir que os primeiros anos da Universidade de Coimbra foram repletos de progresso.

Para além do progresso em termos do número de alunos, são também delimitadas as bases para as gerações futuras. A definição de horários e o controlo dos estudantes começou logo após a instauração da Universidade e é algo que perdurou pelo tempo. Outra das bases que perdurou foi o uso do traje, que durante o século XX viu por diversas vezes ser considerado opcional, assim como extinto sempre que a Praxe e Tunas sofriam um afastamento da Academia. Apesar de também ter sofrido visualmente algumas alterações após a expansão do sistema de ensino universitário pelo país, o traje académico já existe desde as pequenas bases da Universidade de Coimbra e é algo que se mantém até aos dias de hoje, sendo um dos símbolos mais característicos da vida universitária. Anteriormente ligado à indumentária

católica, o traje académico rapidamente se consolidou pelas diferenças e pela persistência em se diferenciar.

Outra das peças iniciais da vida académica em Coimbra foram as trupes, que apesar de criadas por D. Dinis logo após a criação da Universidade de Coimbra também sofreram algumas mutações ao longo dos séculos e duraram até ao último quartel do século XX, com a versão da polícia académica tomada pela PIDE. Pouco após a criação dos primeiros projetos de imprensa de livros na Universidade em Coimbra tornou-se necessário um maior investimento para fazer face à constante procura de livros e informação por parte dos estudantes. Uma das primeiras formas de rentabilização destes novos projetos foram os investimentos tidos da Universidade de Coimbra na sua imprensa.

Apesar de atrasada em comparação com as elites da Europa, a Universidade de Coimbra rapidamente se atualizou e procurou manter-se o mais próxima possível das elites. Para isso foram compradas dezenas de máquinas e contratados impressores de forma constante para manter o mais alto nível de produção. A prova deste investimento não só financeiro, mas também pessoal na imprensa da UC era a oferta de contratos vitalícios, de forma a manter a produtividade, e mão de obra contante. Apesar de mais tarde a imprensa não se provar suficiente para tamanha demanda, o mesmo serve para provar que a Universidade de Coimbra se tornou bastante requisitada pelos aspirantes a bacharéis.

Os primeiros documentos a que foi possível ter acesso já datavam do século XVIII. O diploma é um documento que apesar de não ser mediático transmite bastantes informações de como eram os cursos nessa altura e quantos anos duravam. É a primeira referência à Universidade de Coimbra onde se pode ver algum modelo de ensino. O segundo documento deste período é a níveis históricos algo bastante revelador. O facto de a foto datar apenas poucos anos após a abolição da escravatura vem provar a forma séria e respeitadora com que a Universidade de Coimbra pretendia tratar os seus alunos. Este documento demonstra, não só da evolução da sociedade em geral, como da própria Universidade.

O terceiro documento já data do ano de 1908. Uma obra recheada de ironia e crítica, o texto de Costa sobre as figuras ilustres de Coimbra escondia a realidade vivida naquele período. Os alunos como forma de crítica social da academia demonstra um certo rancor ou desprestígio para com a Universidade de Coimbra, mas ao mesmo tempo a ironia concede-lhe a leveza de se interpretar o texto como uma sátira à academia. O desdém do autor para com os jovens Ladeiras acaba por demonstrar que na Universidade de Coimbra muitos apenas entravam pelo título académico e não por vocação, sendo que muitos apenas ali estavam por terem dinheiro de família.

Já a crítica aos músicos servia para demonstrar que mesmo em 1908 já existiam disciplinas em desuso e que isso estava a atrasar o processo evolutivo da Universidade. A crítica aos cursos deixou em aberto algumas possíveis disciplinas cujo vocabulário é bastante forte, onde a astúcia apenas ganha para aqueles que sabem menos, que há uma falha na evolução naquela área de estudos pois não abordam temas como literatura, ficção ou imaginação. O aluno perfeito é para o autor aquele que segue a tradição académica, mantém a capa e a pasta, veste bem, mas sem ser exagerado como os outros alunos cujas duras críticas citei há pouco.

A crítica aos políticos tanto é uma crítica aos alunos, como aqueles cuja profissão assim é exercida. É de todas a crítica a mais curta, mas também a mais forte. Para o autor os políticos não são criativos e vivem a vida entre a verdade e a facciosidade já que são ingenuamente honestos, mas que tal se vai perdendo com a corrupção da vida. Por fim o autor critica de forma mais irónica os cábulas. Numa metáfora coesa, Costa acaba por dar a entender que tanto os cábulas como os boémios acabaram por desaparecer da vida académica. Os boémios devido às regras impostas pelos municípios, e os cábulas pela criação de regras anti cábula.



Todas estas críticas retratam a academia da primeira década de 1900 como elitista, repleta de pessoas sem motivação para além do título académico, poucos realmente estudiosos, uns desinteressados e desinteressantes e outros que simplesmente se ajeitam como podem. A transição deste período para o da primeira República, anos mais tarde, traz algumas modificações nas tradições académicas. Logo após a instauração da república sai uma lei que torna o uso do traje algo não obrigatório. Esta medida apenas veio confirmar os apelos dos académicos que se recusavam a usar o traje. Os costumes começavam a tornar-se mais soltos e os alunos cada vez mais desprendidos das tradições. Em 1910 a praxe é banida pela nova República e assim vai permanecer até 1919, quando regressa como símbolo da academia. Em 1969 dá-se a revolta dos estudantes contra o regime e é declarado o Luto Académico, onde se pararam as Tradições Académicas como forma de protesto.

Movidos pela revolta dos estudantes em França, os estudantes marcham pela cidade de Coimbra com a intenção de boicotar os exames. Este boicote faria com que todos eles fossem recrutados diretamente para a guerra colonial, planeando com isso criar um boicote militar e com isso por fim à guerra. O regime resistiu, ainda que a medo. Américo Thomaz temia acima de tudo um golpe de estado. Contra tudo o que podia ser esperado, a Associação Académica de Coimbra conseguiu prosseguir até à final da taça de Portugal. Se há momento icónico na história, este é um deles.

A sociedade estava do lado dos estudantes mesmo sem o admitirem, por medo das represálias do estado. Neste momento o resultado do jogo era o que menos importava. Os Estudantes estavam ali com o propósito de mostrar ao regime a sua força. Apesar da derrota, a mensagem ficou dada. O Diário de Coimbra conseguia contornar os lápis azuis da PIDE usando figuras de estilo. Neste processo o Diário contava os feitos dos estudantes, elogiando-os e o apoio era geral, apesar de silencioso. O período de medo acaba por chegar ao fim no dia 25 de Abril de 1974.

Os estudantes que lutaram para conquistar a liberdade em Portugal receberam em 1987 a condecoração com a criação do Dia Nacional do Estudante, a celebrar-se anualmente a 24 de março e é também na década de 80 que começa um processo de reestruturação social, incluindo as universidades. Foram criadas as universidades privadas e os institutos politécnicos. Esta reestruturação tinha como finalidade máxima recolocar Portugal no círculo de evolução global, ao lado das melhores Universidades de elite mundiais.

Neste momento regressam as tradições académicas, apesar de serem bastante diferentes das versões de Coimbra. É neste período em que se adaptam costumes antigos às novas realidades, onde regressa o uso do traje, modificado e mantido nas versões que hoje encontramos, o recomeço de um ciclo.

No entanto, começou a existir uma usurpação de poder por parte de diversos membros que não compreenderam bem o verdadeiro significado de praxe. Isto foi acontecendo por todo o país até se chegar ao ponto em que os ideais originais da praxe coimbrã estavam completamente esquecidos (Estanque, 2016).

Chegados a 2003 uma estudante do Instituto Piaget pertencente à Escola Superior de Saúde de Macedo de Cavaleiros teve a coragem de vir a público expor o seu caso enquanto vítima de praxe abusiva. Numa carta pública a jovem relata todos os acontecimentos violentos e abusivos.<sup>28</sup> Esta mesma carta chegou às mãos do Presidente da República e do Ministro da Educação. Para além disso esta carta fez manchetes em todos os jornais e telejornais.

Após a mediatização do caso, mais jovens seguiram o exemplo. De repente os jornais estavam recheados de histórias sobre praxes abusivas. O Jornal Publico tinha criado uma

---

<sup>28</sup> Coutinho, Edilson (2018) – *Praxes. Os Rituais Académicos Polémicos*, disponível em <https://online.sapo.pt/artigo/629066/praxes-os-rituais-academicos-mais-polemicos?seccao=Portugal>

secção onde os leitores enviavam as opiniões sobre a praxe e onde maioria dos casos foi negativa. Existiram casos de graves insultos serem proferidos aos praxantes em geral.

Começam a surgir então movimentos anti praxe. O Antípodas e o M.A.T.A. Estes movimentos incentivavam ao boicote da praxe e ao abandono das tradições académicas.<sup>29</sup>

Devido a estas críticas e queixas, muitos institutos de ensino superior decidiram afastar-se da praxe, tornado a praxe em algo independente da universidade.<sup>30</sup> Ao longo do tempo foram aparecendo mais denúncias.

Chegados a 2013, tudo mudou. Se o clima entre a sociedade civil e a Praxe já não muito agradável então depois da Tragédia do Meco, a situação piorou e muito. A 15 de dezembro de 2013 um grupo de amigos perde a vida na praia do Meco, durante a noite. Apenas um dos jovens envolvidos sobrevive e é ele que pede ajuda.

Após a chegada das autoridades estes percebem que o jovem os colegas estavam completamente trajados. A comunicação social rapidamente parte para a conclusão de que isto se trata de uma praxe académica realizada na praia que correu mal. Este julgamento sem provas abriu o precedente para que a sociedade civil, já descontente com as tradições académicas após os constantes relatos de abusos de poder em praxe e violência física e psicológica, levou a um agravar desta situação. Sem inicialmente se saber a verdadeira causa do acidente, a comunicação social culpa a Praxe.

A notícia da morte dos jovens vitimados pela praxe leva semanas até ser desmentida pela comunicação social e quando finalmente é desmentida, a opinião pública já se encontra completamente adversa às tradições académicas. A opinião pública já se encontrava formada, muito por culpa da sobre-exposição do caso nos meios de comunicação social. A partir desse momento foi criado um preconceito sobre a praxe que não desapareceu totalmente até aos dias de hoje.

As entidades responsáveis por administrar a Praxe nas universidades começaram então uma missão para manter o bom nome desta tradição académica, com a realização de atividades de praxe mais inclusivas e de índole social como a pintura de muros e fachadas, apoio a idosos e plantação de vegetais, apesar de cerca de um terço das Universidades decidir demarcar-se das tradições académicas.

De forma a punir atos de violência física e psicológica em ambientes de praxe académica várias entidades praxistas das diferentes universidades modificaram os seus códigos de praxe, criando regras rígidas contra os infratores. Para além de isso muitas começaram a promover atividades de praxe solidárias como ajudar idosos, pintar fachadas de edifícios, ajudar os bombeiros, colher e plantar legumes, entre outras. Devido a estas adaptações o número de denúncias de praxe abusiva tem vindo a descer desde 2015, o que se provou uma das poucas consequências positivas da tragédia do Meco.

No entanto, a resistência às praxes persiste. Em 2018 um terço das universidades do país proibiram a realização de atividades de praxe dentro das suas instalações de forma a que a demarcação anteriormente referida lhes concedesse total independência caso algum acontecimento desta natureza voltasse a acontecer, salvaguardando assim o nome e princípios das instituições universitárias. Para além disso o escrutínio social continua bastante presente, apesar de se terem verificado uma maior aceitação, tanto a nível social como mediático, das temáticas das tradições académicas.

---

<sup>29</sup> Objetivos do Movimento Anti Tradições Académicas disponível em <http://blogdomata.blogspot.com/p/o-que-e-o-mata.html>

<sup>30</sup> Silva, Samuel (2018) – Mais de um terço das instituições de ensino proíbe a praxe disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/08/sociedade/noticia/metade-universidades-aceita-praxes-instalacoes-1854000>

É de esperar que, com este esforço por parte de todos os envolvidos, a praxe retorne a ser um tema bem visto pela sociedade, para que todos os outros integrantes das tradições académicas possam ser também bem recebidos pela sociedade. Através dos meios de comunicação social as tradições académicas deram uma volta de praticamente 360 graus, passando de adorados pela população, a odiados, e neste momento a fazerem a volta aos bons olhos da sociedade. A comunicação social tem esse poder de dar e tirar credibilidade, aceitação ou repúdio. Tudo depende da forma como os *média* expõe um caso, uma história, um acontecimento.

No início as tradições académicas eram bem aceites e apesar de um acontecimento daqueles ser impossível de apagar da história, que ao menos a má conotação e ódios esmoreçam e tragam de volta o interesse, nomeadamente da academia, sobre a tradição académica típica e única de Portugal.

## Referências Bibliográficas

- Bandeira, Mariana (2019) - Maioria dos portugueses confia na televisão e rádio, disponível em <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/maioria-dos-portugueses-confia-na-televisao-e-radio-415676>
- Barbrook, Richard (2012) - Futuros Imaginários, das máquinas pensantes á aldeia global, Peirópolis, São Paulo
- Cabral, Bruno Moraes (2012) - "Praxis"
- Castoriadis, Cornelius, Lefort, Claude, Morin, Edgar ( 2008) – *Maio de 68 - a Brecha, 20 anos depois*, Autonomia Literária, São Paulo
- Campos, João Pedro (2009) - AAC- *Os Rostos do Poder*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra,2009, pag.88
- Cruzeiro, Celso (1989) - *Coimbra, 1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje*, Edições Afrontamento
- Costa, A.de Sousa (1908) - *Figuras da Academia de Coimbra*, Ilustração Portuguesa, Serie II, nº 112, pp.3-11
- Cousas de Coimbra (1908)*, Revista Serões, nº33, pp. 155-168
- Duarte, Arthur (1947) - *O Leão da Estrela*.
- Estanque, Elísio; Mineiro, João; Sebastião, João; Lopes, João Teixeira; Silva, João Pedro (2017) - *A Praxe como Fenómeno Social*, Relatório Final, CIES-ISUP
- Estanque, Elísio (2016) - *Praxe e Tradições Académicas*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, pp. 16-17
- Estanque, Elísio (2016) – *Praxe e Tradições Académicas*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, pag.63
- Estanque, Elísio (2016) - *Praxe e Tradições Académicas*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, pp. 95-106
- Estanque, Elísio (2016) - *Praxe e Tradições Académicas*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, pp. 137-144
- Garcia, José Luís ; Alves, Tânia ; Leonard, Yves (2017) – *Salazar, o Estado Novo e os Média*, Edições 70, Lisboa
- Garrido, Álvaro (2008) – *A Universidade e o Estado Novo: De "corporação orgânica" do regime a território de dissidência social*, Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 81, pp. 133-153

*História da Imprensa da Universidade de Coimbra* disponível em [https://www.uc.pt/imprensa\\_uc/imprensa/historia](https://www.uc.pt/imprensa_uc/imprensa/historia)

Marques, Pedro Nuno (2020) - *Será a praxe pior que a pandemia?* Disponível em <https://observador.pt/opiniao/sera-a-praxe-pior-do-que-a-pandemia/>

Marques, Rui e Norogrande, Rafaela (2016) – *Capa e Canção em Coimbra* in *Moda, Música e Sentimento*, Estação de Letras e Cores, São Paulo

Marta, Ana Rita Rigueira Montezuma de Sá (2011) - *Património Mundial, A Praxe Académica da Universidade de Coimbra*, FLUC, Coimbra

McCombs, M. (2016) – *Agenda Setting, Readings on Media, Public Opinion and Policymaking*, Routledge, London e New York, pp. 17-26

McLuhan, Marshall (1989) - *The Global Village: Transformations in World Life and Media in the 21st Century*, Oxford University Press

Mcquail, D. (1987) – *Mass Communication Theory: An Introduction*, 1987, Londres, Sage

Montero, M. D. (1993) – *La Información Periodística y su Influencia Social*, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona.

Nunes, António (2009) - Nota sobre a Origem das Insignias de Praxe Disponível em <http://notasemelodias.blogspot.com/2009/07/notas-sobre-origem-das-insignias-de.html>

Ribeiro, Francisco (1942) - *O pátio das Cantigas*, Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm

Santiago, Rodrigo (2013) – *Fui absolvido pelos julgadores, uma plêiade de atrasados mentais* Disponível em <https://acervo.publico.pt/multimedia/a-experiencia-da-praxe>  
<https://acervo.publico.pt/multimedia/a-experiencia-da-praxe>

Telmo, José Cottinelli (1933) - *A Canção de Lisboa*, Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm

Torgal, L. R. (2015) – *A Universidade em Portugal em período de transição para a democracia e para o neoliberalismo.*, Espacio, Tiempo y Educación, nº 2, pag.162

Torgal, L. R. (2015) – *A Universidade em Portugal em período de transição para a democracia e para o neoliberalismo.*, Espacio, Tiempo y Educación, nº 2, pag.164

Vulter, PJ (2017) - *Marta*, 1ª Edição, Lisboa, Coolbooks Porto-editora

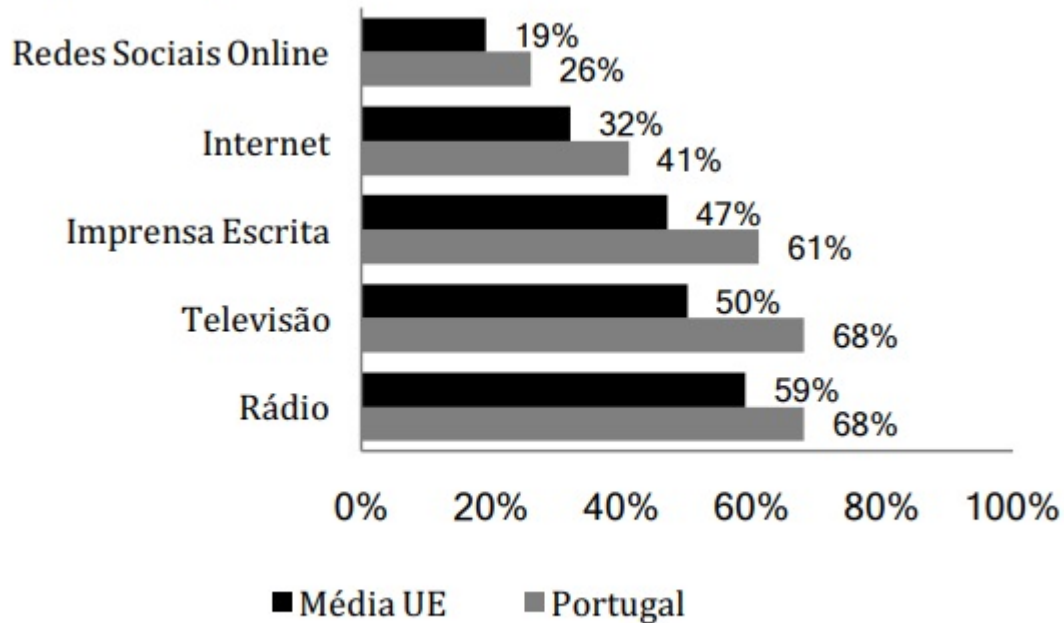
White, David (1999) – *Gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias* in: Traquina, Nelson, *Jornalismo: questões, teorias e estórias*, Lisboa: Veja

Wilke, V. C. L. (2019) - *No tempo das fake news e da pós-verdade – política, democracia e literacia mediática*. In S. Pereira (Ed.), *Literacia, Media e Cidadania – Livro de Atas do 5.º congresso* (pp. 381-398)



## Anexos

### Anexo A- A confiança dos Portugueses sobre onde encontrar informação in Eurobarómetro nº90, 2018



### Anexo B- Diploma da Universidade de Coimbra, 1769







## Anexo E – Primeira Queima das Fitas em Lisboa, 1923



## Anexo F- “Académica na final, que grande “Galo”! “, 1969

